



Departamento de Psicologia

Bullying, Obesidade e Género: Um estudo exploratório com  
jovens dos 8 aos 14 anos

Sandra Paiva Rodrigues

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:  
Doutora Carla Moleiro, Professora Auxiliar,  
ISCTE-IUL

Outubro, 2010



Departamento de Psicologia

**Bullying, Obesidade e Género: Um estudo exploratório com jovens  
dos 8 aos 14 anos**

**Sandra Paiva Rodrigues**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:  
Doutora Carla Moleiro, Professora Auxiliar,  
ISCTE-IUL

Outubro, 2010

## **Agradecimentos**

Agradeço à Professora Doutora Carla Moleiro a excelente orientação, o apoio, a flexibilidade, a confiança e a imensa dedicação e disponibilidade que demonstrou e me proporcionou ao longo de todo este percurso. Agradeço, igualmente, à Professora Doutora Susana Carvalhosa pela disponibilidade em fornecer informações sobre o questionário.

Um obrigado muito especial aos meus pais, que sempre foram a base para todas as minhas escolhas e apoio em muitas indecisões e momentos menos fáceis. Obrigado pelo valor que me dão e por sempre acreditarem em mim e nas minhas capacidades!

À minha querida avó pelas palavras de conforto e pela dedicação constante. À minha tia Isabel pela ajuda e pelas palavras “Muita força para o teu trabalho e acredita em ti e tudo se torna possível”. À minha prima Eliana, pelas risadas e momentos partilhados e pelo apoio que me deu!

Às minhas amigas e amigos, que conheci na faculdade e que irão, certamente, acompanhar-me nas futuras etapas da vida, Ana, Catarina, Rita, Sara, Tânia e Pedro.

Tânia, Ana e João! Para vocês, um obrigado especial, por terem transformado os “momentos dolorosos”, em momentos mais animados e pela vossa boa disposição, apoio e optimismo que sempre me proporcionaram. Foi das bases mais importantes para a finalização deste percurso académico. Ao namorado da Tânia, obrigado pelas boleias e por nos aturares nos teus fins de noite depois de um dia de trabalho!

A todos os meus amigos, que também estiveram presentes neste e em todos os momentos da minha vida. Obrigada pelo apoio, ajuda, pelos dias e noites de risadas e acima de tudo por serem quem são para mim!

A toda a equipa do Projecto de Inclusão Social no qual integrei o meu estágio, pela recepção calorosa e por toda ajuda e amizade que me proporcionaram.

“Não tentamos ser ninguém em especial. Somos mais poderosos e mais eficazes quando somos nós próprios em toda a nossa plenitude.”

(Eckhart Tolle, 2006, p. 93)

## Resumo

O Bullying na população jovem é um fenómeno cada vez mais proeminente. Associadas a este, surgem as diferenças de género e questões relativas à aparência física, tão relevantes na adolescência. Neste sentido, o objectivo do nosso estudo prende-se com a avaliação do *bullying* entre pares, nomeadamente no que concerne as questões associadas ao género e à obesidade/peso. Foram realizados dois estudos, um de carácter quantitativo e outro qualitativo. No primeiro estudo, utilizou-se um questionário adaptado de três questionários largamente utilizados na literatura. Participaram 61 jovens, com idades entre os 8 e os 14 anos. Os resultados evidenciaram diferenças significativas entre rapazes e raparigas, relativamente à vitimação, sendo esta superior nos rapazes. Acrescenta-se que, no que se refere ao tipo de comportamento de provocação relativa ao peso, os rapazes utilizam mais a agressão física e as raparigas os mexericos e boatos. Os rapazes mais velhos foram significativamente mais identificados como agressores pelos rapazes. Relativamente ao segundo estudo, foram realizados três grupos focais, contando com a participação de 15 jovens (10 raparigas e 5 rapazes), dos 10 aos 13 anos. Os resultados da análise de conteúdo vieram corroborar os encontrados no estudo qualitativo, embora os participantes tenham afirmado não existir bullying relativo ao peso, com algumas excepções, mas identificando algumas consequências deste e propostas de prevenção. O presente estudo veio contribuir para a compreensão deste fenómeno multifacetado, sendo referidas na discussão as principais limitações e sugestões para futuros estudos.

Palavras-chave: Bullying; Género; Obesidade.

Códigos PsycINFO:

2840 Psychosocial & Personality Development;

2970 Sex Roles & Women's Issues.

## Abstract

Bullying amongst teenagers is an ever growing phenomenon of extreme prominence. Associated to this phenomenon are the differences between genre and the issues of physical appearance, which are so important during this life stage. For that reason, the present work revolves around the subject of peer evaluation of bullying, specifically, the issues that concern genre and obesity/weight. Two different studies were conducted, a quantitative and a qualitative analysis. For the first one, a survey was adapted from three other different surveys, largely used in the study of bullying, and applied to a sample of 61 teenagers, ages 8 to 14. The results indicate significant differences between male and female participants in what concerns victimization, being that male participants presented a higher score on this subject. Furthermore, it is also shown that when it comes to weight related teasing behavior, boys resort more frequently to physical aggression while girls prefer the use of rumors and gossip. Older boys were, also, significantly more identified as aggressors, by other boys. For the second study, three focus groups were conducted with a total of 15 teenagers (10 girls and 5 boys), ages between 10 and 13. Content analysis confirmed the results found on the quantitative phase, although participants in this study (with some exceptions) argued that weight related bullying didn't exist. Nevertheless, they still commented on the consequences of this kind of behavior while proposing different interventions for it. This study contributes on the comprehension of this multifaceted phenomenon and highlights its main limitations and future investigation suggestions on the discussion section.

Keywords: Bullying; Gender; Obesity.

PsycINFO Classification Categories:

2840 Psychosocial & Personality Development;

2970 Sex Roles & Women's Issues.

## Índice

<b>1. Introdução</b> .....	1
<b>2. Enquadramento Teórico</b> .....	2
<b>2.1.O fenómeno do bullying</b> .....	2
<b>2.2.Os participantes no Bullying</b> .....	4
<b>2.3.Os comportamentos de Bullying e a sua evolução</b> .....	6
<b>2.4.O estudo do Bullying em Portugal</b> .....	6
<b>2.5.As diferenças de género no Bullying</b> .....	12
<b>2.6.Bullying e Peso</b> .....	18
<b>2.7.Peso, Imagem Corporal e Género</b> .....	20
<b>3. Método</b> .....	25
<b>3.1.Participantes</b> .....	25
<b>3.2.Instrumentos</b> .....	26
<b>3.3.Procedimento</b> .....	30
<b>4.Resultados</b> .....	33
<b>4.1.Questionário de Auto-Relato</b> .....	33
<b>4.2.Grupos de Discussão Focalizada</b> .....	47
<b>5. Discussão</b> .....	50
<b>5.1. Conclusão</b> .....	57
<b>6. Referências</b> .....	59
<b>7. Anexos</b> .....	71
<b>Anexo A: Pedido de autorização para realização do estudo.</b> .....	71
<b>Anexo B: Pedido de autorização para os encarregados de educação.</b> .....	72
<b>Anexo C: Questionário de auto-relato</b> .....	73
<b>Anexo D: Guião de entrevista para os grupos de discussão focalizada.</b> .....	78

**Anexo E: Tabela de categorias e subcategorias resultante da análise de conteúdo..... 79**

## Índice de Tabelas

1. Características demográficas da amostra do estudo quantitativo.....	25
2. Características demográficas da amostra do estudo qualitativo. ....	26
3. Frequência de bullying nos últimos dois meses do período de escola. ....	33
4. Média de resposta às questões sobre bullying e peso. ....	34
5. Média de respostas relativamente ao tipo de comportamento de provocação no que concerne o peso .....	36
6. Frequência de respostas relativamente aos agentes de provocação relativa ao peso.....	37
7. Resultados da relação de vitimação e provocação com o género. ....	38
8. Resultados da relação do bullying em relação ao excesso de peso com o género	39
9. Resultados da relação com os tipos de comportamento de bullying com o género. ....	40
10. Resultados da relação dos agentes de provocação e o género.....	41
11. Papel desempenhado em episódios de bullying.....	41
12. Resultados das médias de resposta relativamente a Bullying em relação ao excesso de peso por subgrupos. ....	43
13. Média de respostas relativamente aos tipos de comportamento de provocação, no que diz respeito aos subgrupos envolvidos no bullying. ....	45
14. Frequência de respostas relativa aos agentes de provocação no que concerne o peso, tendo em conta os subgrupos. ....	46

## 1. Introdução

O Bullying constitui uma realidade cada vez mais proeminente nas escolas e não só, porém este fenómeno de cariz complexo e multifacetado é uma problemática com implicações sérias no desenvolvimento afectivo, sexual e social das crianças e jovens.

Inicialmente, muitas investigações relativas a este fenómeno tão presente na actualidade, seleccionaram amostras exclusivamente masculinas (e.g. Coie, Dodge, Terry & Wriyth., 1991; Curtner-Smith, 2000; Dodge, 1983; Schwartz, Doge, Pettit & Bates, 1997), valorizando comportamentos agressivos directos, muito comuns entre os rapazes. Mais recentemente, tornou-se consensual entre a grande maioria das investigações sobre bullying, a diferença existente entre os comportamentos de bullying manifestados pelos rapazes e pelas raparigas e gradualmente foram aprofundados os comportamentos associados ao bullying nas raparigas (e.g. Leckie, 1997; Owens, Shute & Slee, 2000; Owens, Slee & Shute, 2000).

Acrescentando a este facto, sabemos, ainda, que a aparência física é um aspecto socialmente valorizado nos dias de hoje. Na avaliação social da imagem corporal surgem os estérotipos de género, descritos através dos atributos físicos e dos comportamentos associados ao papel de género. Deste modo é valorizada uma silhueta magra, longilínea e tubular para as mulheres e um corpo do tipo mesomórfico (corpo musculado) para os homens.

Desde a infância, que é ensinado às raparigas que a sua aparência física é um aspecto crucial da sua vida, já aos rapazes é transmitido que os seus feitos é que contam. Para além da aparência física ser importante, a fisionomia das raparigas deve corresponder à imagem que os meios de comunicação veiculam sobre a mulher (Deaux & Lewis, 1984; Brenner & Cunningham, 1992; Smolak, 2003; Rothblum, 1994). Desta forma, os sujeitos considerados mais próximos destes ideais são igualmente percebidos mais positivamente, e os que se afastam mais dos mesmos, são percebidos negativamente.

Consistente com os estérotipos associados à imagem corporal/peso, o factor excesso de peso pode, assim, ser um alvo saliente para comportamentos de bullying. As crianças são influenciadas por estérotipos associados a características físicas, podendo interiorizar algumas das crenças negativas do estérotipo da obesidade e consequentemente comportar-se de uma forma que provoca estas crenças (e.g.

Kirpatrick & Sanders, 1978; Hartup, 1978; Bento, 2004; Geckova, Pudelsky, & Tuinstra, 2000).

Neste sentido, o presente trabalho pretende investigar alguns aspectos relacionados com o *bullying*, em particular, explorando a sua relação com o género e com o peso. Assim, o primeiro capítulo constitui a introdução teórica do trabalho. Na mesma, é apresentada uma revisão da literatura no que se refere ao *bullying*, bem como às diferenças já conhecidas entre rapazes e raparigas neste tipo de comportamento. Finalmente, introduz-se a questão do peso, da aparência e da obesidade, sendo conhecida também a relação entre o género e as preocupações com a imagem corporal e até com as perturbações do comportamento alimentar. O primeiro capítulo termina com a definição do problema e dos objectivos do presente trabalho.

O segundo capítulo é dedicado à apresentação da metodologia utilizada no estudo empírico realizado, descrevendo os procedimentos adoptados para a recolha de dados e as técnicas utilizadas. No terceiro capítulo encontram-se os resultados desse mesmo estudo, bem como a sua análise, procurando relacionar, desta forma, os dados quantitativos e qualitativos recolhidos através do questionário de auto-relato e de focus de grupo. Por fim, num último quarto capítulo são discutidos os resultados e é apresentada uma reflexão sobre as limitações e implicações deste trabalho.

## **2. Enquadramento Teórico**

### **2.1.O fenómeno do bullying**

Olweus (1999, p.10) definiu o conceito de *bullying* afirmando que «um aluno está a ser provocado/vitimizado quando ele ou ela está exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a acções negativas da parte de uma ou mais pessoas». Considera-se uma acção negativa quando alguém intencionalmente causa, ou tenta causar, danos ou mau estar a outra pessoa (Olweus, 1994). O *bullying* é uma forma de agressão altamente prevalente (~30%) nos jovens, envolvendo o repetido uso de poder e agressão (Smith, 1997). Perante as repetidas interacções agressivas, o agressor adquire e consolida o poder perante o estudante que está a ser vitimizado (Craig, 1998).

Smith, Morita, Junger-Tas, Olweus, Catalano, & Slee (1999) definem *bullying* como uma subcategoria do comportamento agressivo, dirigido de forma repetitiva a uma vítima que se encontra com incapacidade de se defender eficazmente. A criança ou as crianças agressivas aproveitam a oportunidade de a vítima estar em desvantagem

numérica, ou entre muitas outras características, e infligem danos com a finalidade de obter gratificação psicológica, estatuto no seu grupo de pares ou ainda, por vezes, obter ganhos financeiros directos ao extorquir objectos ou dinheiro aos outros. Seixas (2005) acrescenta ainda, que o comportamento de *bullying* é manifestado por alguém, um indivíduo ou um grupo de indivíduos, e tem como alvo outro indivíduo. Existe um envolvimento activo de dois indivíduos, um que agride (agressor) e o que é vitimizado (vítima). Neste sentido, quando ocorre uma situação de *bullying*, ocorre simultaneamente uma situação de vitimização.

Esse repetido importunar pode ser físico (e.g. bater) (e.g. Greenbaum, Turner & Stephens, 1988; Mellor, 1993; Peters & McMahon, 1996), verbal (e.g. chamar nomes) (e.g. Beck, 1995; Bosworth, Espelage & Simon, 1999; Sullivan, 2000), relacional (e.g. exclusão social) (Crick, 1995) e/ou sexual (Arnette & Walsleben, 1998; Batsche & Knoff, 1994). Olweus (1993, 1994) distingue ainda o *bullying* directo – aquele que envolve ataques abertos à vítima, do *bullying* indirecto – forma de isolamento social ou exclusão intencional do grupo. Alguns autores (Boulton & Underwood, 1992) acrescentam que existem diferenças relativamente ao género quando se distingue o *bullying* directo do indirecto, o que desenvolveremos mais adiante neste trabalho. Este fenómeno é frequente no contexto escolar (Wolke, Woods, Schulz, & Stanford, 2001) e moderadamente estável na infância (Smith, 2003), estando associado ao aumento da ansiedade, sentimentos depressivos, isolamento, baixa auto-estima e problemas comportamentais (Wolke, Woods & Bloomfield, 2000).

O *bullying* é caracterizado por critérios tais como a intencionalidade do comportamento, ou seja, tem o objectivo de provocar mau estar e ganhar controlo sobre outra pessoa; existe uma diferença de estatuto social e/ou força física entre o provocador e a vítima; e a intimidação física e/ou social ocorre repetidamente no tempo, isto é, não ocorre ocasionalmente, mas passa a ser crónico e regular (Olweus & Limber, 2002). O *bullying* pode ser conduzido por um indivíduo – o provocador ou agressor – ou por um grupo, e o alvo desse comportamento pode também ser um indivíduo – a vítima – ou um grupo (e.g. Mellor, 1990; Olweus, 1994; Sudermann, Jaffe & Schick, 2000; Whitney & Smith, 1993). O indivíduo que se envolve simultaneamente como provocador e como vítima tem sido designado de vítima-provocativa (Carvalhosa & Matos, 2005).

Brofenbrenner (1977), com o seu modelo ecológico, permitiu uma nova perspectiva do desenvolvimento humano através da interacção com os outros. De acordo com este autor, é através das suas relações que a criança integra uma multiplicidade de vivências

e aprendizagens que lhe permitem evoluir. Enquanto parte do microsistema, os pares determinam comportamentos sociais e convenções típicas de um dado grupo pois verificamos que os grupos de adolescentes têm a sua própria forma de vestir, estar e até de comunicar, identificando e distinguindo-os. As relações entre pares assentam em valores como o respeito constantemente disputado ao longo das interacções e actividades desenvolvidas (citado por Amado & Freire, 2002). Logo, os conflitos ocorrem, cabendo à criança saber canalizar os seus impulsos para outra forma de resolução, tal como a negociação que só será possível se os determinantes cognitivos o permitirem (Fisher, 1992). A relação entre pares pode levar à agressividade (Krahé, 2001).

Num estudo efectuado nos anos 70, Olweus (1998) evidenciou que os conflitos ocorrem entre pares como forma destes se auto-afirmarem. A existência de um elemento agressivo num grupo influencia os outros que demonstram mais força e agressividade nas suas actividades (Farrington, 2002; Olweus, 1998). Se houver um aluno mais inseguro, então poderá ser o alvo ideal para o agressor impôr e demonstrar o seu poder perante os outros.

## **2.2.Os participantes no Bullying**

De acordo com a definição de Boulton e Smith (1994), o provocador ou agressor é aquele que frequentemente implica com os outros, ou que lhes bate ou que lhes faz outras coisas desagradáveis. São indivíduos que tentam alcançar os seus benefícios através do *bullying* (Gini, 2006) e são caracterizados como mais distantes da família e da escola, com mais consumo de substâncias como álcool e drogas, com mais queixas físicas e psicológicas e depressão (Carvalhosa, Lima & Matos 2001). Segundo Smith (1991), para os agressores há um maior risco de envolvimento futuro em condutas anti-sociais e actividades criminosas e marginais. De acordo com Almeida, Pereira e Valente (1995), os agressores são crianças mais populares que as vítimas, são activamente rejeitadas, mas geralmente têm um ou mais amigos que os apoiam nas suas práticas agressivas. É maior a probabilidade que os rapazes sejam os provocadores do que as raparigas (e.g. Salmivalli, Lagerspetz, Bjorkqvist, Osterman & Kaukiainen, 1996), porém é conhecido que as formas de *bullying* pelas raparigas são mais subtis e indirectas – como por exemplo, a exclusão social (Olweus, 1993).

A vítima é alguém com quem frequentemente implicam, ou que lhe batem, ou que lhe fazem outras coisas desagradáveis (Boulton & Smith, 1994). São crianças mais

rejeitadas e socialmente menos aceites pelos seus pares (e.g. Salmivalli et al., 1996). No mesmo sentido, Olweus (1999) define a vítima como sendo o estudante que está exposto repetidamente a acções negativas por parte dos outros estudantes com a intenção de magoar (Olweus, 1999). As vítimas têm mostrado distância da escola, problemas nos relacionamentos com os pares, sintomas físicos e psicológicos e depressão. Num estudo de Sharp e Thompson (1992), utilizando uma amostra de 723 alunos das escolas secundárias dentro das quais 40% foram vítimas nesse mesmo ano lectivo, averiguaram que 20% dos estudantes afirmaram que se tornavam mais negligentes ao tentar fugir das agressões; 295 alunos afirmaram dificuldades na concentração em tarefas escolares; 22% sentiram-se indispostos após a agressão e 20 % tinham dificuldades em adormecer ou durante o sono. Haselager e Lieshout (1992) concluíram que as vítimas, especialmente as que tinham sido reportadas pelos pares, tinham mais problemas relacionais do que os que agrediam, eram menos aceites e frequentemente menos escolhidos como melhores amigos. Apresentavam, igualmente, fracas competências sociais como a cooperação, partilha e a capacidade de ajudar os outros (cit in Pereira, 1997).

Segundo Hazler (1996), dos 90% de vítimas de *bullying*, 22% destas afirmaram que este fenómeno causava-lhes graves problemas, entre os quais se destaca a perda de amigos, o sentimento de isolamento e a incapacidade em regular as suas próprias vidas. Os problemas escolares são referidos por 17% das vítimas. Assim, a auto-estima da vítima é afectada, diminuindo consideravelmente (Randall, 1996; Amado & Freire, 2002; Pereira, 2002; Fernandez, 1998). Estimativas recentes sugerem que o número de crianças em idade escolar e de adolescentes vítimas de agressão física e verbal (e.g. empurrar, bater, insultar) e relacional (e.g. ignorar, espalhar rumores) pode ser de 17-30% (Nansel, Overpeck, Pilla, Ruan, Simons-Morton & Scheidt, 2001; Nansel, Craig, Overpeck, Saluja, Ruan & Health Behaviour in School-Aged children *Bullying Analyses Working group*, 2004; Storch & Masia-Warner, 2004). As vítimas de *bullying* reportam altos níveis de depressão, ansiedade social, solidão e os professores indicam que as mesmas estão entre os estudantes menos populares (Juvonen, Graham & Schuster, 2003).

Os indivíduos que são simultaneamente agressores e vítimas são caracterizados, de acordo com variados estudos, por distanciamento da família e da escola, problemas nos relacionamentos com os pares, sintomas físicos e psicológicos, e depressão (Carvalhosa, Lima & Matos 2001).

### **2.3. Os comportamentos de Bullying e a sua evolução**

Para a vitimização e para a provocação, os comportamentos mais referenciados são o “gozar, chamar nomes, fazer troça”, “dizer mentiras, espalhar boatos”, “fazer comentários ou gestos ordinários e/ou piadas sexuais” e “excluir, deixar de fora de actividades de propósito” (Carvalhosa & Matos, 2005). Contudo, outros comportamentos podem existir, em particular as agressões físicas contra pessoas ou os seus bens. Recentemente, alguma atenção tem igualmente sido dada a comportamentos de *bullying* com a utilização de novas tecnologias como o telemóvel e a internet.

De acordo com a tendência evolutiva dos comportamentos de *bullying*, a manifestação de comportamentos associados a *bullying* directo físico é mais frequente em crianças mais novas, que por sua vez detêm de competências verbais mais fracas. Com o desenvolvimento dessas competências, vão surgindo os comportamentos de *bullying* directos verbais. Futuramente, à medida que as competências sociais se desenvolvem, os comportamentos de agressão tornam-se ainda mais sofisticados, conseguindo o agressor anonimamente atingir o seu alvo (*bullying* indirecto). Estes comportamentos mais sofisticados aumentam drasticamente por volta dos 11 anos, especificamente no caso das raparigas (Bjorkqvist, 1994; Bjorkqvist, Lagerspetz & Kaukiainen, 1992). Crianças da escola primária costumam ser mais regularmente vítimas de *bullying* do que os adolescentes, mas o número de provocadores tende a ser constante entre a escola primária e a secundária (Kaltiala-Heino, Rimpelä, Marttunen, Rimpelä & Rantanen., 1999).

Estes comportamentos de *bullying* ocorrem, geralmente, em locais de supervisão diminuída como acontece em espaços exteriores às salas de aulas, mais especificamente nos recreios, corredores, bares e cantinas (Amado & Freire, 2002, Smith & Sharp, 1994; Olweus, 1998). Segundo as investigações realizadas no primeiro ciclo, o recreio é o local de eleição para a ocorrência deste fenómeno (Smith & Sharp, 1994; *Department for Education*, 1994), onde 78% das agressões ocorrem (Pereira, 2002). Na escola secundária a maioria ocorre igualmente no recreio, para além da sala de aula, corredores e casas de banho (DFE, 1994).

### **2.4. O estudo do Bullying em Portugal**

As primeiras investigações sobre este fenómeno surgiram nos anos 70, nos países escandinavos, nomeadamente as investigações de Olweus, que analisaram o

comportamento e forneceram instrumentos para o seu diagnóstico (Formosinho & Simões, 2001). Em Portugal, diversos estudos sobre *bullying* nas escolas têm sido conduzidos, embora ainda não de forma suficientemente ampla para se poder retirar conclusões a nível nacional. No mesmo sentido, o facto de ser um fenómeno multifacetado e de os instrumentos utilizados na sua avaliação serem diversos, torna imprecisa a análise comparativa da extensão do mesmo (Formosinho & Simões, 2001).

Em 1998, em investigações com amostras nacionais representativas (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001; Carvalhosa & Matos, 2004) verificou-se que 42.5% dos alunos, com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos de idade, relataram nunca se terem envolvido em comportamentos de *bullying*, 10.2% afirmaram ser agressores (uma vez ou mais, no último período escolar), 21.4% referiram ser vítimas (uma vez ou mais, no último período escolar) e 25.9% eram simultaneamente vítimas e agressores.

Este estudo confirmou ainda os resultados obtidos no estrangeiro no que respeita a diferença de sexos, idade e escolaridade. Relatou, assim, um maior envolvimento dos rapazes em comportamentos de provocação, vitimação e duplo envolvimento. São os alunos mais novos que são vítimas com mais frequência, porém essa frequência diminui à medida que aumenta a idade. Também se confirmaram as características dos provocadores e das vítimas.

Em 2004 (Carvalhosa & Matos, 2004), constatou-se que a frequência dos comportamentos de vitimação e de provocação, uma vez por semana ou mais, aumentaram nos últimos anos nas escolas portuguesas. Dos alunos portugueses entre os 10 e os 18 anos, 23.5% referiram estar envolvidos em comportamentos de *bullying* na escola, como agressores e como vítimas, e como vítimas-provocativas (simultaneamente agressores e vítimas). O envolvimento em comportamentos de *bullying* parece ter um pico aos 13 anos, apesar de os mais novos (11 anos) se envolverem mais como vítimas. Nos últimos anos verificou-se um aumento na frequência de *bullying*, uma vez por semana ou mais, quer como provocador quer como vítima de acordo com as autoras.

Anteriormente Almeida (1999), com uma amostra de 6200 estudantes da cidade de Braga, verificou igualmente uma percentagem considerável de comportamentos de *bullying*, uma vez que 20% dos alunos tinham comportamentos de agressor e 15% eram alvos dessa violência (cit in Pereira, 2008). Com uma amostra mais pequena, de 3341 alunos, da mesma cidade e 4 escolas da cidade de Guimarães, Pereira (2002) constatou que 21,6% dos alunos eram alvos de violência e 15,4% agressores. O local de maior incidência dos comportamentos de *bullying* era o recreio escolar.

Pereira, Mendonça, Neto, Valente e Smith (2004) realizaram outro estudo com 4092 crianças das cidades de Braga e Lisboa, com idades compreendidas entre os 10 e os 12 (2º ciclo). Os resultados relataram que 21,6% dessas crianças foram agredidas uma vez ou mais durante o primeiro período lectivo. Os agressores eram na sua maioria rapazes. As agressões verificaram-se sobretudo nos recreios, seguindo-se os corredores e as salas de aula. No que diz respeito à agressão a outros colegas, a percentagem encontrada situa-se nos 15,4%. Este estudo conclui ainda que as práticas de agressão e vitimação consistem, principalmente, em insultar, chamar nomes, dizer mal dos outros, dano físico, tirar coisas aos colegas.

Confirmando igualmente um nível elevado de registos de crianças vítimas de *bullying*, Pereira et al (2004) verificou que nas escolas portuguesas cerca de 20% das crianças referiu que tinha sido vítima, pelo menos 3 vezes, no ano em que decorreu este estudo, e que cerca de 16% das crianças admitiu ter agredido outros, pelo menos 3 vezes, durante o mesmo ano.

Na mesma linha, num outro estudo realizado em Portugal (Pereira, Silva & Nunes, 2009), conclui-se que 52,7% das crianças pertencentes à população alvo nunca foram vítimas de comportamentos de *bullying*: No entanto, 22,7% das crianças afirmaram ter sido vítimas pelo menos 1 ou 2 vezes, e 24,2 % referiram ter sido 3 ou mais vezes.

Relativamente aos comportamentos associados à vitimação sofrida pelos jovens, constatou-se que dos 387 participantes, 14 não responderam às questões associadas a este facto. No que concerne a comportamentos de agressão física (bater, pontapés e murros) foram alvo 106 alunos (27,4%) e de furtos (tirar os seus pertences) 76 alunos (19,6%). O tipo de comportamento mais frequente de agressão foi o insulto, uma vez que um em cada 4 alunos foi vítima desse mesmo comportamento. De acordo com a idade das crianças agressoras, verificou-se que são, maioritariamente, os alunos mais velhos, seguidos pelos da mesma idade, os que mais frequentemente são os actores deste comportamento, representando 41,4%. No que se refere ao género, são os rapazes que mais agredem individualmente ou em grupo (30%), ainda que algumas raparigas se juntem ao grupo (41,6%). No que concerne a comportamentos de isolamento social (“quantas vezes ficaste só porque os meninos não queriam brincar contigo?”), dentro dos 387 alunos, 237 (61,2%) relataram não ter sido isolados uma ou duas vezes aquando aquele período (3º trimestre escolar) e 13,2% ficaram sozinhos 3 ou mais vezes.

*HBSC*

O HBSC/ OMS (*Health Behaviour in School-aged Children*) é um estudo colaborativo da Organização Mundial de Saúde. É uma investigação periódica (de 4 em 4 anos) que visa uma compreensão nova e aprofundada dos comportamentos de saúde dos adolescentes, estilos de vida e contextos sociais. Envolve vários países entre os quais Portugal, integrado desde 1996 e membro associado desde 1998. Neste tipo de estudo internacional, os países membros do HBSC têm de respeitar um protocolo de pesquisa e procedimentos (Currie, Smith, Boyce & Smith, 2001).

Com este protocolo, a amostra Portuguesa foi constituída de forma aleatória com representatividade nacional para os jovens que se encontram no 6º, 8º e 10º anos de escolaridade, no ensino oficial, pelo que a unidade de análise é a “turma” e os questionários são preenchidos na sala de aula, respeitando a participação voluntária e anónima.

O primeiro estudo nacional em Portugal foi realizado em 1998 (Matos & Equipa do Projecto Aventura Social, 2000) e o segundo em 2002 (Matos & Equipa do Projecto Aventura Social, 2003), e mais recentemente em 2006 (Matos, Simões, Tomé, Gaspar, Camacho, Diniz, et al., 2006) (Matos, Simões, Gaspar & Equipa do Projecto Aventura Social, 2009).

O Estudo HBSC realizado a nível nacional em 1998 relata que 25.7% estiveram envolvidos com alguma frequência (duas ou mais vezes por mês, nos últimos dois meses) em comportamentos de provocação na escola - 6,3% como agressores, 13,6% como vítimas e 5,8% com duplo envolvimento (agressores e vítimas em simultâneo). Com maior frequência, 5,5% dos jovens envolveram -se em actos de provocação (mais do que duas vezes por semana, nos últimos dois meses), 1,6% como provocador, e 3,9% como vítima. Estes comportamentos foram mais regulares nos rapazes e diminuíram com a idade, ao durante a adolescência. (Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009)

Em 2002, 23.2 % dos alunos estiveram envolvidos com alguma frequência (duas ou mais vezes por mês, nos últimos dois meses) em comportamentos de provocação na escola, 4,7% como provocadores, 12,8% como vítimas e 5,7% eram simultaneamente agressores e vítimas. De forma mais intensa, 11,7% envolveram-se nesses mesmos comportamentos (mais de 2 vezes por semana, nos últimos dois meses), sendo 4% como provocador e 7,7% como vítima. Novamente, estes comportamentos foram mais regulares nos rapazes e diminuíram com a idade (Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009).

É de notar que os tipos de *bullying* mais frequentes nos jovens envolvidos nestes comportamentos de provocação foram o gozo, o insulto e a troça, com 26,1% de jovens envolvidos, os comentários ou gestos ordinários, e/ou piadas sexuais, com 14,3% envolvidos, e a exclusão intencional social ou de actividades (13,1%).

Em 2006, verificou-se que estiveram envolvidos, com regularidade, 20.6 % em comportamentos de provocação (duas ou mais vezes por mês, nos últimos dois meses) em comportamentos de provocação na escola, 6,3% como provocadores, 9,4% como vítimas e 4,9% com duplo envolvimento (ofensores e vítimas). Com mais regularidade, envolveram-se 7.6 % dos alunos em actos de provocação (mais de 2 vezes por semana, nos últimos dois meses) - 3% como provocadores e 4,6% como vítimas. Assim como se constatou em 1998 e 2002, este comportamento, mais uma vez, foi mais frequente nos rapazes e diminuiu com a idade ao longo da adolescência. Acrescenta-se o facto de que de 1998 a 2002, os comportamentos de provocação aumentaram; já de 2002 para 2006, essa provocação intensa (mais de duas vezes por semana, nos últimos dois meses) diminuiu (Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009).

Com os dados do estudo HBSC de 2002, surge um outro estudo (Gonçalves & Matos, 2007; Matos & Gonçalves, no prelo) que visa analisar a associação entre diferentes tipos de comportamentos de *bullying* (enquanto vítima e provocador) e algumas variáveis preditoras, variáveis comportamentais (consumo de álcool, drogas e porte de armas) e cognitivas/percepções (percepção de satisfação com a vida e percepção de segurança na escola). De acordo com os resultados deste estudo, os alunos sentem-se provocados e dizem provocar de diferentes formas, sendo que referem que são mais frequentemente provocados e que provocam com mais regularidade através de insultos verbais, boatos e piadas sexuais e exclusão (citado por Bullock, 2002).

Os dados portugueses do HBSC foram re-analisados e a amostra foi dividida em quatro sub-grupos diferentes – os *bullies*, as vítimas, os *bully/vítimas* e os não-envolvidos em situações de *bullying* por Carvalhosa (2005). Esta autora descreveu a tendência dos comportamentos de *bullying* e as diferenças entre sexo e idade nas escolas portuguesas, concluindo que a frequência de ser vítima e de ser *bully*, uma vez por semana ou mais, tem aumentado desde 1998 a 2002. Mais tarde, a mesma autora num outro estudo (Carvalhosa, 2008) constatou que 13% dos alunos foram vítimas, 5% foram *bullies* e 6% foram *bully/vítimas*. O tipo de *bullying* verbal foi o mais regular. A mesma construiu ainda um modelo para a relação entre o *bullying* e a percepção do suporte social, com amostras nacionais representativas de estudantes Austríacos,

Lituanos, Noruegueses e Portugueses (Carvalhosa, 2008). Os resultados revelaram que, para Portugal e dentro da escola, as vítimas e os *bully*/vítimas relatam menores níveis de suporte social dos seus colegas, e os *bullies* e os *bully*/vítimas relatam menores níveis de suporte social dos seus professores. Já no exterior da escola, as vítimas relataram menores níveis de suporte social dos amigos e os *bullies* relataram menores níveis de suporte social da família, sempre comparativamente ao grupo dos que não se envolvem em actos de *bullying*. Igualmente, outros autores (Formosinho, Taborada & Fonseca, 2008) direccionaram os seus estudos para a associação entre envolvimento em situações de *bullying*, mas com outras formas de comportamento anti-social.

Paralelamente, num outro estudo com uma amostra de 680 alunos (com idades entre os 12 e os 17 anos) chegou-se à conclusão de que 12% dos jovens relataram ter sido *bullies* (uma vez no último período lectivo) vs. 15% que foram nomeados pelos seus pares, 30% relataram que tinham sido vítimas vs. 15%, e 24% referiram que tinham sido *bully*/vítimas vs. 6% (Seixas, 2005).

#### *Informação complementar do Programa Escola Segura e APAV*

Os relatórios públicos do Programa Escola Segura estão disponíveis desde 2001 até 2006. Estes dados descrevem as acções sobre os bens (roubo, vandalismo, fogo) e sobre as pessoas (ofensa corporal e sexual, assédio, violação, injúrias/ameaças, tráfico/consumo de drogas, ameaças de bomba, armas, acidentes de trânsito, outras acções) que ocorrem nas escolas e são apresentados em queixa formal a este programa. Nos dados de 2006, foram registadas 15 ocorrências avaliadas como assédio e 14 como injúrias/ameaças (Programa Escola Segura, 2006)

Segundo o relatório da Escola Segura de 2007 a 2009, o número de ocorrências no interior das escolas diminuiu de 9,1% (2007/2008) para 7,3% (2008/2009). Relativamente ao tipo de ocorrências relatou-se que 44,7% foram actos contra a liberdade e integridade física das pessoas, 20,6% contra os bens e equipamentos escolares, 14,2% contra os bens e equipamentos pessoais, 10,2% contra a honra e o bom nome das pessoas, 4,4 % de controlo e proibição de entradas/saídas, 2,2% de estupefacientes e substâncias psicotrópicas, 2,2% com armas e 1,2% contra a liberdade e auto determinação sexual (Programa Escola Segura, 2009).

Em 2007, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou 39 denúncias de vitimização na escola, que correspondem a 57 crimes: 47 crimes contra as pessoas e

a humanidade, 17 crimes de violência doméstica (casos que ocorrem na escola), 5 crimes contra o património e 3 outros crimes (Sampaio, 2008).

## 2.5. As diferenças de género no Bullying

Os rapazes, mais frequentemente do que as raparigas, estão envolvidos em situações de *bullying*, tanto como agressores como vítimas (Kaltiala et al., 1999). Como foi referido anteriormente, é maior a probabilidade que os rapazes sejam os provocadores do que as raparigas (e.g. Salmivalli et al., 1996), sendo conhecido que as formas de *bullying* pelas raparigas são mais subtis e indirectas – como por exemplo, a exclusão social (Olweus, 1993). Parece deste modo importante aprofundar as questões de género no *bullying*.

O *bullying* tem sido considerado tipicamente masculino, pelo que alguns autores (Seixas, 2009) referem que quando se fala sobre variadas manifestações de violência e agressividade, a tendência é dirigirmo-nos para o género masculino, focandalizando-nos nas manifestações do comportamento agressivo que são mais visíveis, os comportamentos agressivos físicos. Algumas das investigações sobre os comportamentos de *bullying* tinham amostras exclusivamente masculinas (e.g. Curtner-Smith, 2000; Dodge, 1983; Milich & Landau, 1984; Olweus, 1978) - as raparigas foram excluídas dado que os seus comportamentos agressivos não eram directos e portanto não se igualavam à visão tradicional de *bullying*.

O género é considerado como um dos principais elementos organizadores das relações sociais, influenciando a forma como homens e mulheres se percebem e como avaliam as outras pessoas. Este constructo tem um carácter multidimensional e leva a que sob a mesma designação reunam-se dimensões variadas relativas às características físicas, à identidade individual, aos traços de personalidade, aos papéis desempenhados ao longo da vida e ainda os comportamentos tradicionais associados à masculinidade e à feminilidade (Vieira, 2007).

Em estudos relativamente à infância e à adolescência (e.g. Maccoby, 2000), verificou-se que desde os primeiros anos de vida é possível observar diferentes tendências comportamentais nos rapazes e nas raparigas em relação às interações com a mãe e o pai e às relações que estabelecem nos grupos de pares. Os temas que aparecem nas fantasias dos rapazes quando brincam com outros rapazes e o material de ficção que preferem estão muitas vezes associados ao perigo, conflito, acções heróicas, destruição e demonstrações de força física. Os jogos que fazem entre si são

relativamente desorganizados, o clima é de competição, conflito, de exibição do ego, risco e de luta pela dominância (Maccoby, 2000).

Pelo contrário, a fantasia das raparigas está associada a situações domésticas ou românticas, que envolvem personagens que estão empenhadas em fomentar relações sociais e em manter ou restaurar a ordem e segurança das pessoas. Elas mostram-se mais atentas relativamente ao comportamento dos seus interlocutores, preferem dar sugestões do que ordens, são mais vocacionadas para a construção de cenários. Esta constatação não significa que sejam isentas de conflitos, porém elas tentam atingir as suas metas pessoais sem menosprezarem a harmonia do grupo (Maccoby, 2000).

As amigas das raparigas são por norma mais íntimas, pelo que tendem a partilhar detalhes mais privados das suas vidas. Já os rapazes sabem no geral menos da vida uns dos outros e o seu relacionamento é baseado na partilha de actividades. Neste sentido, a ruptura de uma relação de amizade é sentida de forma mais intensa pela rapariga do que pelo rapaz. As mesmas tendem a interagir em díades, contrariamente aos rapazes que preferem pertencer a grupos mais alargados. Estes grupos formados por rapazes são mais coesos, cada um dos seus elementos tem uma identificação com o grupo e são criadas barreiras à entrada de adultos e raparigas (Maccoby, 2000).

Rivers e Smith (1994) afirmam que os rapazes tendem a ter redes sociais mais amplas e mais difusas do que as raparigas, que por sua vez mantêm redes sociais mais pequenas, mais íntimas e mais intensas. Assim sendo, estes autores sugerem que o *bullying* indirecto tornar-se-ia mais eficaz para as raparigas e menos eficaz para os rapazes. Outros autores em estudos com amostras exclusivamente de raparigas partilham desta mesma ideia. Através destas amostras, procuraram conhecer mais aprofundadamente os comportamentos de *bullying* indirecto manifestados, avaliar os efeitos da agressão indirecta pelos pares e as razões apontadas para essa ocorrência (e.g. Leckie, 1997; Owens, Shute & Slee, 2000; Owens, Slee & Shute, 2000).

Noutros estudos (Crick, 1995; Crick, Bigbee & Howes, 1996) verificou-se que a agressão relacional e os insultos verbais eram os comportamentos de *bullying* mais frequentemente identificados como perniciosos e angustiantes pelas raparigas. A explicação sugerida para este acontecimento refere-se ao facto de serem um meio eficaz de obter controlo ou retaliar contra outra rapariga, provocado assim danos ao nível dos seus objectivos de natureza social.

Segundo Crick e Grotpeter (1995), as crianças tentam infligir danos aos seus pares de modo a prejudicar os objectivos que são valorizados pelo seu respectivo género.

Relativamente aos rapazes, a tendência é de magoar os seus pares através da agressão verbal e física directa, pelo que estes comportamentos vão comprometer o que é importante para os rapazes no seu grupo de pares, isto é, a dominância física. Os mesmos autores argumentam que na realidade este facto não permanece válido para as raparigas. As mesmas tendem a focalizar-se em questões relacionais no contexto da interacção social, como o estabelecimento de laços próximos, íntimos com os pares. Assim sendo, tornam-se mais eficazes em danificar o estabelecimento de laços diádicos próximos, de amizade, ou então os sentimentos de inclusão no grupo de pares. Perante este facto, torna-se natural que mais frequentemente sejam utilizadas estratégias de agressividade relacional. Estas perspectivas têm sido partilhadas por outros autores que utilizaram amostras exclusivamente de raparigas de forma a conhecer os comportamentos manifestados de *bullying* indirecto, avaliar os efeitos da agressão indirecta pelos pares e as razões apontadas para essa ocorrência (Leckie, 1997; Owens, Shute & Slee, 2000; Owens, Slee & Shute, 2000).

Nos estudos de Janet Hyde (citado por Legato, 2009), é relatado que a diferença mais relevante entre os rapazes e as raparigas, antes da puberdade, são os níveis de actividade e agressividade física mais elevados nos rapazes. Ambos os géneros são agressivos, a diferença encontra-se no tipo de agressividade que demonstram. Este facto é evidenciado por Elliot (2009), que afirma que entre as raparigas existe uma agressividade mais relacional e entre os rapazes mais física. Segundo Baron-Cohen (2004), a agressão acontece quando existe reduzida empatia, uma vez que uma boa empatia faz um travão à agressividade. Este autor acrescenta ainda que, a agressão indirecta necessita de boas competências de “leitura do outro” do que a directa. Este tipo de agressividade trata-se de uma estratégia - a pessoa A é magoada, dizendo alguma coisa negativa a seu respeito à pessoa B. É uma estratégia eficiente para desenvolver a dominância social e/ou resolver conflitos sociais.

Este tipo de agressão relacional é muito difícil de estudar particularmente porque é naturalmente “escondida” e porque este tipo de comportamentos é difícil de distinguir de outros tipos de interacções sociais (Simmons, 2002).

Bjoerkqvist, Lagerspetz e Kankianen (1992) definem agressão relacional como os comportamentos que têm a intenção de “destruir” a auto-estima e os contactos sociais de um indivíduo. Os comportamentos de agressão relacional, ao contrário de outros, podem ser tão subtis como o facto de se rir da vítima ou ignorá-la.

Simmons (2002) investigou o porquê das raparigas utilizarem este tipo de técnicas em vez da agressão física, hipotetizando que o facto de tipicamente as raparigas aprenderem menos a exprimirem-se de forma aberta e assertiva, poderá conduzir a que as mesmas arranjam formas complexas e sofisticadas de agressão relacional “escondida”. A autora afirma igualmente que este tipo de agressão é comum nas raparigas uma vez que as relações têm um papel importante na vida das raparigas.

Gilligan (1982), adicionalmente, descobriu que as raparigas também têm medo do isolamento social. Simmons (2002) acredita que esta necessidade e dependência das relações motiva a utilização de métodos que danifiquem o estatuto social da vítima. A maior parte das raparigas percebe a importância dos contactos sociais e quando elas sentem a necessidade de aumentar o seu estatuto dentro do grupo, usam o seu conhecimento para a sua vantagem e têm a tendência de destruir as relações das suas vítimas.

Com o intuito de aprofundar e clarificar a natureza dos comportamentos de *bullying* nas raparigas, Leckie (1997) defende que as redes de amizade das raparigas promovem exclusividade, intimidade e partilha. Quando estabelecem uma relação de amizade e ao sentirem confiança e segurança na mesma, revelam frequentemente segredos às suas amigas, tornando-se igualmente mais vulneráveis ao abuso, aquando o término dessas amizades. Os segredos íntimos, que foram anteriormente partilhados durante essas relações de amizade, tornam-se uma estratégia que pode ser útil para magoar a antiga amiga, expondo deliberadamente e maliciosamente a outros os seus segredos e expondo-a à troça, ao ridículo, ou mesmo à exclusão e rejeição. A relação torna-se agora desigual relativamente ao poder e estatuto que detêm - enquanto uma rapariga manipula e reúne o apoio das colegas, outra é rejeitada pelo grupo de pares.

A autora evidencia, ainda, que a estrutura das amizades entre as raparigas faz com que não necessitem de utilizar a força física para atingirem, dominarem e controlarem os outros, preferindo deste modo a manipulação social para conseguirem alcançar os seus objectivos. Bjorkqvist, Osterman e Kaukiainen (1992, citado por Leckie, 1997), afirmam que à medida que as capacidades verbais se desenvolvem, surge uma rica quantidade de possibilidades de expressão da agressão e, assim, as raparigas não têm de recorrer à força física.

A existência de um desempenho melhor a nível verbal por parte das raparigas é explicada por Rubia (2007), que afirma que aos seis meses de idade, quando escutam sons linguísticos, demonstram mais actividade eléctrica no hemisfério esquerdo do que

no direito. Adicionalmente, as raparigas tendem a evidenciar testes de linguagem superiores, quer na linguagem receptiva quer na expressiva. Estas boas competências verbais podem, assim, promover uma boa empatia, pelo que a capacidade de comunicar proporciona mais experiências sociais, e a boa empatia pode promover o desenvolvimento de uma boa linguagem, pois a sensibilidade social facilita a comunicação (Baron-Cohen, 2004).

Legato (2009) acresce o factor maturação cerebral, descrevendo uma diferença clara nos tempos de maturação cerebral e no desenvolvimento de competências especializadas a cada um dos géneros. As raparigas desenvolvem áreas do cérebro relacionadas com a linguagem, capacidades motoras finas e competências sociais muito antes dos rapazes. Já estes demonstram um aumento da capacidade de avaliar relações espaciais e de coordenar a motricidade.

Esta autora defende que um dos factores que explica a adopção de comportamentos arriscados, impulsivos, conflituosos e agressivos por parte dos rapazes, é o amadurecimento lento do córtex pré-frontal (responsável pelo controlo inibidor e pela regulação do comportamento) (Legato, 2009). O facto de eles exprimirem as suas emoções fisicamente pode ser parcialmente explicado pela elevada actividade metabólica no sistema límbico (Braconnier, 1998). Relativamente às raparigas, revelam melhores desempenhos em testes de sensibilidade emocional, o que Blakemor e Frith (2009) sugerem estar relacionado com o facto de terem o córtex orbito-frontal e o córtex cingular anterior maiores em relação aos rapazes. Estes dois córtexes têm um grande envolvimento nos processos emocionais.

Em diversos estudos, as mulheres, mesmo em idades precoces, evidenciam melhores resultados na leitura de expressões faciais e em detectar mentiras (Myers, 2002, citado por Pink, 2009; Rubia, 2007), pelo que no caso dos rapazes os resultados inferiores que expressam podem justificar o facto dos mesmos verem ameaças onde não existem (Kindlon & Thompson, 2000).

Assim, estas competências de comunicação verbal e não verbal e de empatia, associadas a tomada de decisões mais ponderadas, são ferramentas de grande utilidade nos comportamentos de *bullying* indirecto e/ou relacional. Desta forma, a agressividade das raparigas parece estar mais associada às funções cognitivas, emocionais e verbais. Por sua vez, a dos rapazes surge mais associada à acção física (Brizendine, 2007), pelo que a testosterona desencadeia comportamentos de dominação e de agressão.

Ao atingir a adolescência, há um aumento dos níveis de estrogéneo e de testosterona, que condiciona respectivamente a concentração nas suas emoções, comunicação e relações sociais, no caso das raparigas, e no caso dos rapazes a competição (Legato, 2009). O cérebro das raparigas aumenta a produção de dopamina e de oxitocina (hormona responsável pela intimidade) e acontece que quando surge um conflito relacional entre as mesmas, os níveis dessas hormonas diminui (o nível de serotonina igualmente diminui), aumentando os níveis de cortisol (hormona do stress). Assim, as raparigas agridem recorrendo aos boatos porque essas estratégias segundo Brizendine (2007), diminuem o risco de se quebrarem os laços que o cérebro dessa rapariga pode considerar de grande importância, uma vez que pode não ser identificada quando atinge a outra rapariga.

Em suma, as diferenças de género podem ser agrupadas em quatro grandes categorias como as diferenças ao nível da estrutura e maturação cerebral, diferenças químicas, hormonais e funcionais (e.g. Brizendine, 2007; Gurian, 2001; Legato, 2009; LeVay, 1999; Rubia, 2007). Perante estas diferenças, surge então uma diferenciação de comportamentos, capacidades, estilos comunicativos, estratégias, objectivos, entre muitos outros, que proporciona desta forma diferentes estilos de *bullying*.

Boulton (1996) e Craig e Pepler (1997), ao investigarem a ligação entre agressores e vítimas ao nível do género, verificaram em ambos os estudos que os rapazes agressores agrediam significativamente mais vítimas do mesmo sexo, já as raparigas agrediam também um número considerável de rapazes, mas tinham como alvo preferido de comportamentos indirectos igualmente as raparigas. De igual modo, Salmivalli et al. (1996) encontraram diferenças significativas entre os géneros, em que os rapazes desempenhavam mais frequentemente os papéis de agressor, tal como o de auxiliar e de reforço do agressores. As raparigas tinham mais frequentemente o papel de defensoras das vítimas e de observadoras externas. Os resultados evidenciaram diferenças mais acentuadas nos papéis de defensor da vítima (30,1% de raparigas versus 4,5% de rapazes), de observadores externos (40,2% de raparigas versus 7,3% de rapazes) e de reforço do agressor (37,3% de rapazes versus 1,7% de raparigas). Outros estudos partilharam a tendência para um maior envolvimento dos rapazes como reforço ou auxiliar do agressor (Andreou & Metallidou, 2004; Salmivalli, Huttunen & Lagerspetz, 1997).

Craig e Pepler (1995), para além de partilharem destas mesmas conclusões, acrescentam algumas hipóteses explicativas. Referem que este facto acontece talvez

porque os rapazes se sentem mais atraídos pelas interações agressivas, sendo mais estimulantes para eles do que para as raparigas. Outra explicação parece ser o facto de se encontrarem activamente mais envolvidos do que as raparigas em brincadeiras de luta (*rough-and-tumble play*), onde rapidamente a brincadeira pode evoluir para a agressão devido a interpretações erradas da acção dos outros.

Simmons (2002) explorou a flexibilidade dos papéis de provocador/vítima nas raparigas adolescentes, demonstrando o cenário comum de que as raparigas experienciam o papel de ambos. Investigações mostraram que as raparigas que são vítimas tornar-se-ão provavelmente provocadoras também (Crick, Casas & Ku, 1999). Este facto parece estar ligado à popularidade, pelo que as raparigas relatam que têm tendência de magoar alguém se isso significar tornarem-se populares, uma vez que as mesmas valorizam as relações e percebem-se no contexto de relações. Na perspectiva da vítima, as consequências são variadas: ela não só perde os companheiros como igualmente perde a auto-estima e a noção de relações (Simmons, 2002).

## **2.6. Bullying e Peso**

A literatura indica que a vitimação crónica de pares é comum entre crianças com excesso de peso e pode contribuir para o comprometimento do funcionamento psicossocial. Num estudo de Pearce, Boergers, e Prinstein (2002) com 416 estudantes do ensino secundário, os autores descobriram que os rapazes e raparigas com excesso de peso reportaram elevados níveis de vitimação física, verbal e relacional e tinham menor probabilidade de terem encontros aquando comparados com os seus colegas com peso médio. No estudo de Sweeting, Wright e Minnis (2005) envolvendo 2127 crianças do ensino básico, o grau de excesso de peso foi associado ao humor depressivo, à baixa auto-estima e à vitimação.

A obesidade pode ser definida como um estado de aumento do peso corporal, mais concretamente de tecido adiposo, em magnitude suficiente para ter consequências adversas na saúde (Prentice, 1997), sendo quantificada através do índice de massa corporal (IMC = peso/estatura). Em 1998, a Organização Mundial de Saúde definiu os intervalos deste índice: magro < 18.5; médio, 18.5-24.9; excesso de peso, 25.0 – 29.9; e obesidade > 30.0.

Dado que o número de crianças e adolescentes com excesso de peso e em risco continua alarmante (Odgen, Flegal, Carroll, & Johnson, 2002), a taxa de vitimação de pares é provável que afecte um número significativo de jovens (Strauss & Pollack,

2003) e a sua adaptação e desenvolvimento de futuros relacionamentos (Feiring & Furman, 2000). Os colegas frequentemente relatam atitudes negativas relativamente a crianças obesas (Wardle, 2005). Ainda, os adolescentes com excesso de peso e obesos têm afirmado que são mais regularmente vítimas do que os seus colegas (Eisenberg, Neumark-Sztainer & Story, 2003). Existem algumas evidências de que as crianças com excesso de peso podem evitar fazer parte de actividades, como em aulas de educação física ou desportos para evitar a vitimação relacionada com o peso (Faith, Leone, Ayers, Moonseong, & Pietrobelli, 2002).

Faith, Leone, Ayers, Moonseong e Pietrobelli. (2002) num estudo com 576 estudantes do ensino básico, descobriram que as críticas relativas ao peso durante a actividade física estavam associadas a atitudes negativas perante os desportos e reduzia os níveis de actividade física. Porém, evitar a participação em actividades sociais e recreativas pode servir para o futuro isolamento das crianças com excesso de peso, para além de afectar a saúde física e a qualidade de vida (Storch, Milsom, DeBraganza, Lewin, Geffken, Silverstein, 2007).

Num estudo (Janssen, Craig, Boyce & Pickett, 2004) que pretendia examinar as relações entre os comportamentos de *bullying* e o excesso de peso e obesidade numa grande amostra de jovens dos 11 a 14 anos, os resultados indicaram que os rapazes e raparigas com excesso de peso e obesos estão mais frágeis a serem vítimas e agressores de *bullying* verbal, físico e relacional do que os com peso normal. A relação entre o nível adiposo e a vitimação foi observado em todas as idades (11 a 16 anos), mas a relação entre ser provocador e o nível adiposo foi apenas observado nos mais velhos (15 a 16). Estas observações corroboram o aumento da vulnerabilidade aos comportamentos de *bullying* entre jovens com excesso de peso e obesos. Apontam ainda para uma associação entre tamanho/peso nos jovens mais velhos e o exercício de abuso dos outros.

Outros estudos examinaram a relação entre excesso de peso e obesidade e agressão e vitimação nos jovens e em geral mostraram associações positivas (Pearce, Boergers, & Prinstein, 2002). Contudo, a maior parte destes trabalhos enfatizou as formas de agressão que são salientes nos rapazes (e.g. *bullying* físico), mas as formas de agressão nas raparigas (e.g. *bullying* relacional) têm sido ignoradas.

## 2.7. Peso, Imagem Corporal e Género

A imagem corporal tem um grande impacto da vida de todas as pessoas. Esta pode ser caracterizada como sendo uma construção multifacetada, com base na componente perceptiva (percepção que vem directamente da aparência física) e na componente subjectiva ou de atitude (pensamentos, sentimentos e atitudes sobre o corpo) (Cash, Wood, Phelps & Boyd, 1991). Pode-se considerar que a imagem corporal tem esta componente subjectiva, uma vez que é construída através de cognições afectivas, que são baseadas na comparação com os outros (McPherson & Turnbull, 2005). Deste modo, os *media* desempenham um papel importante, pela exaltação dos corpos atraentes, do corpo magro como sendo o ideal. Influenciam os comportamentos alimentares das jovens e as suas atitudes em relação aos seus corpos igualmente (Cameron & Ferraro, 2004; Harrison, 1997).

Numa amostra exclusivamente de adolescentes do sexo feminino, Cash e Green (1986) demonstraram que a componente perceptiva, afectiva e cognitiva da imagem corporal varia em função do peso corporal.

A autora Bruchon-Schweitzer (1990) evidencia que a imagem corporal desenvolve-se e altera-se através da percepção que o indivíduo tem de si próprio e, ainda, pelo *feedback* que adquire do contexto social.

De acordo com a Sociedade Portuguesa para o Estudo da Obesidade (2001), a obesidade pode causar vários problemas a nível psicológico. Dentro destes problemas, pode-se incluir a modificação da imagem corporal. Alguns estudos acerca da percepção da dimensão corporal evidenciaram que as pessoas obesas ou com excesso de peso sobrestimam o seu tamanho corporal (Schwartz & Brownell, 2004).

As pessoas obesas, ou com excesso de peso, frequentemente possuem uma imagem corporal distorcida, dado que se sentem inseguras em relação aos outros, achando que eles as vêem com hostilidade e desprezo (Correia, 2003). O peso, assim, é talvez o aspecto que mais predomina na imagem corporal (Hesse-Biber, Clayton-Mathews & Downey, 1988, citado por Vaconcelos, 1995).

Como já se evidenciou anteriormente, as crianças e os jovens obesos são submetidos à rejeição social, discriminação e a estereótipos negativos. Todos estes aspectos podem levar a consequências negativas no que concerne a auto-imagem, auto-estima e humor. São consequências psicológicas muito profundas para os que passam por estas experiências (Wardle & Cooke, 2005). As mesmas autoras, nos estudos que realizaram, concluíram que os níveis de insatisfação corporal são mais elevados em

crianças com excesso de peso e com obesidade. Por sua vez, Galindo e colaboradores (2002, citado por Cataneo, Carvalho & Galindo, 2005) avaliaram as respostas de uma amostra de crianças obesas e constataram que as mesmas nem sempre tinham uma imagem negativa dos seus corpos, e que nem todos se consideravam obesos, apesar de a maioria demonstrar descontentamento com a sua aparência física.

As crianças e adolescente obesos, para além de serem estereotipados como preguiçosos, não proficientes, pouco asseados e com elevado nível de insucesso (Staffieri, 1967; Tiggemann & Anesbury, 2000; Hill & Silver, 1995), têm uma fraca auto-estima e auto-imagem, que se associam a solidão, tristeza, nervosismo e elevados comportamentos de risco (Strauss, 2000).

Durante a adolescência, o aspecto corporal dos jovens é o que sofre mais alterações, torna-se um aspecto crucial para os mesmos e para os que os rodeiam (Jacob, 1994). Segundo Vasconcelos (1995), a dificuldade de adaptação a estas alterações, a incapacidade de produzir uma nova imagem de si próprio, pode provocar sentimentos negativos ou inadequados entre o corpo designado por ideal e o corpo real. Williams (1983) afirma que a percepção da imagem corporal como sendo uma entidade grande ou pequena, mais gorda ou mais magra, forte ou fraca, calma ou nervosa, advém das interações sociais que a criança experencia e constroi durante o seu desenvolvimento. O adolescente compara-se com os outros ou segue um determinado padrão como referência, para se considerar como tendo por exemplo um corpo “atractivo” ou “não atractivo”, “socialmente desejável” ou “não desejável”, entre outros pensamentos.

A insatisfação corporal está associada à comparação social e às expectativas culturais de conseguir obter um corpo segundo que se idealiza (Shih & Kubo, 2005). Markey e Markey (2005) acrescentam os factores índice de massa corporal (ICM) e género a estes factores. De acordo com determinados estudos, à medida que o ICM aumenta, o nível de satisfação corporal diminui, sendo que os homens apresentam maior nível de satisfação relativamente à imagem corporal do que as mulheres (Markey & Markey, 2005; Killion, Rodriguez, Rawlins, Miguez & Soledad, 2003). Pelo contrário, Bearman, Presnell, Martinez e Stice (2006) relataram através dos seus resultados que o ICM não predizia a insatisfação com a imagem corporal, para adolescentes tanto do sexo feminino como do masculino.

Para Smolak (2003), a imagem corporal está fortemente associada ao género. Num estudo com uma amostra de 63 adolescentes do sexo feminino, com idades entre os 11 e os 15 anos, os resultados mostraram que as essas adolescentes tinham como padrão

estético de referência as mulheres que eram evidenciadas nos *media*. A maioria das adolescentes demonstrava insatisfação com o seu corpo, sentindo necessidade de alterar algo no mesmo por forma a alcançar o “corpo perfeito” (Sanches, Costa & Gomes, 2006).

Num estudo realizado por Koleck, Bruchon-Schweitzer, Cousson-Gélie, Gilliard e Quintard (2002), numa amostra de 1222 participantes, verificou-se que a satisfação corporal estava directamente relacionada com a afectividade positiva e inversamente com a afectividade negativa. Uma imagem positiva do corpo está ligada à adaptação emocional do indivíduo, estando esta satisfação com o corpo associada à saúde.

Para os rapazes, a obesidade pode ter efeitos mistos na relação com os colegas. Ser obeso na pré-puberdade pode levá-los a ter uma dominância física como resultado de uma grande força, resultando em popularidade no seu grupo e na capacidade em dominar outras crianças. Se forem fisicamente mais fracos, os rapazes são mais vítimas de *bullying* físico (Wolke & Stanford, 1999). Investigações recentes têm sugerido, por seu lado, que os adolescentes obesos são mais frequentemente autores de *bullying* (Janssen et al., 2004).

Para as raparigas, a aparência e as amigas próximas podem expô-las mais a serem vítimas (Wolke & Stanford, 1999). Para elas, não existe nenhuma vantagem em ser obesa e fisicamente forte, sendo a maior parte do seu *bullying* directo constituído por chamar nomes (Olweus, 1994).

A categoria peso e a aparência poderão mais desvantagens para as raparigas do que para os rapazes, como também é relatado na adolescência. As raparigas adolescentes obesas têm normalmente menos encontros e envolvimento em relações amorosas, e estas diferenças não são reportadas nos estatutos dos rapazes obesos (Pearce, 2002), sugerindo que a obesidade nos rapazes tem menos desvantagens se são dominantes no grupo de colegas. A vitimação de pré-adolescentes parece estar relacionada com o facto de os mesmos serem diferentes e apresentarem um desvio da aparência e dos ideais de elegância física, o que é especificamente prevalente nas raparigas (Hill & Paullin, 1998).

As raparigas são mais estimuladas do que os rapazes a valorizar a aparência física e a mostrarem-se sexualmente atraentes (Rothblum, 1994). Berscheid e Walster (1984, citados por Rothblum, 1994), num estudo sobre a aparência física dos indivíduos de ambos os sexos, corroboraram o facto de a mulher sentir mais necessidade de ser fisicamente atraente do que o homem. As normas de aparência transmitidas às

mulheres, implícita e explicitamente, incluem componentes da face (e.g., olhos, lábios), algumas partes do corpo (e.g., seios, cintura), o peso, a cor da pele, a idade, a roupa, a maquilhagem e a postura.

Workin (1988, citado por Rothblum, 1994) afirmou que é ensinado às raparigas, desde os primeiros anos da infância, que a sua aparência é um aspecto crucial da sua vida, pelo que aos rapazes é transmitido que os seus feitos é que contam. Para além da aparência física ser importante, a fisionomia das raparigas deve corresponder à imagem que os meios de comunicação veiculam sobre a mulher.

O factor excesso de peso pode ser um alvo saliente para comportamentos de *bullying*. As crianças descrevem os seus colegas com excesso de peso e obesos como indivíduos que importunam, são importunados, lutam e são egoístas e maldosos (Kirpatrick & Sanders, 1978), o que é consistente com os estereótipos associados com o excesso de peso corporal. Uma vez que as crianças são influenciadas por estereótipos associados a características físicas (Hartup, 1978), podem interiorizar algumas das crenças negativas do estereótipo da obesidade e conseqüentemente podem-se comportar de uma maneira que provoca estas crenças. Pode haver uma interacção recíproca em que a aparência física dos jovens pode provocar uma interacção de *bullying* entre os pares, e assim estas interacções negativas podem contribuir para problemas contínuos com o peso corporal.

A aparência física é um aspecto socialmente importante e valorizado na actualidade. Nos dias de hoje, é valorizada uma silhueta magra, longilínea e tubular para as mulheres e um corpo do tipo mesomórfico (corpo musculado) para os homens (Brenner & Cunningham, 1992). Assim, e como resultado da actuação dos estereótipos relativos à aparência física, os sujeitos considerados mais próximos destes ideais são igualmente percebidos mais positivamente.

A aparência corporal deixa de ser uma questão apenas de saúde para passar a ser apenas uma questão social. Na avaliação social do corpo surgem, deste modo, os estereótipos de género, que segundo Deaux e Lewis (1984), são melhor descritos através dos atributos físicos e os comportamentos associados ao papel de género. Igualmente, mostraram que os indivíduos apoiam-se na informação relativa à aparência física da pessoa para inferir aspectos como por exemplo os traços de personalidade.

Cash e Brown (1989) confirmam a presença de estereótipos de género relativos à imagem corporal. As mulheres foram consideradas mais preocupadas com o peso e a aparência, com maior vontade em melhorar a sua aparência e forma física, e mostravam

mais insatisfação com a aparência e funcionamento do corpo. Por sua vez, os homens eram considerados estar em melhor forma física do que na realidade estavam.

Em suma, a sociedade a que pertencemos vive da imagem e da aparência, onde a beleza, a juventude e perfeição física, são as ambições primordiais. O sucesso é definido pelo culto da beleza, onde a obesidade não pode ter lugar. Essa condição física, a obesidade, vai contrariar a imagem que os indivíduos têm como ideal, para além disso pode originar marginalidade, que provoca o surgir de consequências negativas no plano social, afectivo e psicológico (Bento, 2004). As ramificações sociais e psicológicas induzidas pelo processo de vitimação de *bullying* podem prejudicar o desenvolvimento social desses jovens obesos e com excesso de peso, uma vez que os adolescentes são extremamente dependentes do suporte social, identidade e auto-estima (Geckova, Pudelsky, & Tuinstra, 2000).

#### *Objectivos do Presente Estudo*

Partindo do racional teórico desenvolvido anteriormente, procuramos avaliar o *bullying* entre pares, especificamente no que se refere às questões associadas à obesidade/peso e ao género.

A pertinência deste estudo exploratório é evidenciada pelo facto deste fenómeno, o *bullying*, tão presente na actualidade, ter um efeito pernicioso sobre o clima entre os pares, o clima do ambiente onde se inserem, sobre as vítimas e os agressores (e.g. Smith & Sharp, 1995). Acrescentamos ainda o facto de os estudos de larga escala sobre *bullying* serem essencialmente de carácter quantitativo descritivo, sendo menos comuns os de âmbito qualitativo, ou simultaneamente os que utilizam o método quantitativo e qualitativo. Assim, há poucas investigações que procurem ir para além da descrição de frequências e ambicionem perceber as dinâmicas, causas e impactos do fenómeno e como o próprio se manifesta no quotidiano, a partir do olhar das crianças e jovens envolvidos.

Note-se, igualmente, que a maior parte dos estudos aglomeram o *bullying*, independentemente das suas diferentes dimensões. Alguns têm-se debruçado sobre o *bullying* homofóbico (e.g. Poteat & Espeleage, 2005; Kosciw, Greytak, & Diaz, 2009), outros sobre cyberbullying (e.g. Juvonen & Gross, 2008; Novo, 2009) e outros abordam outras dimensões como por exemplo a deficiência física (e.g. Harper, Wacker & Cobb, 1986; Cleave & Davis, 2006), entre outros. São menos comuns os trabalhos orientados

para a obesidade como factor importante nas dinâmicas de *bullying*, tendo em conta as diferenças comportamentais e estérotipos de género.

### 3. Método

#### 3.1. Participantes

##### 3.1.1. Componente quantitativa

Participaram na parte quantitativa do estudo 61 estudantes, maioritariamente do sexo masculino (54.1%), de diversas escolas de ensino básico, do 3º ao 8º ano de escolaridade. Os mesmos têm idades compreendidas entre os 8 e os 14 anos ( $M = 11.20$ ;  $DP = 1.55$ ), sendo que a maior parte não é repetente (78.7%) e, dos que já repetiram o ano, em maior percentagem repetiram 1 vez (13.1%) (ver tabela 1).

**Tabela 1**

*Características demográficas da amostra do estudo quantitativo.*

N = 61	%	N
<b>Género</b>		
Feminino	45.9	28
Masculino	54.1	33
<b>Idade</b>		
8 aos 12 anos	55.7	34
13 aos 14 anos	44.3	27
<b>Ano Escolar</b>		
3º	4.9	3
4º	16.4	10
5º	14.8	9
6º	27.9	17
7º	13.1	8
8º	23.0	14
<b>Repetente</b>		
Sim	21.3	13
Não	78.7	48

### 3.1.2. Componente qualitativa.

Nesta componente do estudo, participaram 15 estudantes do ensino básico que frequentam um Projecto Social em Lisboa. Foram divididos em três grupos de discussão focalizada, dois dos mesmos com 5 estudantes do sexo feminino cada um, e outro com 5 do sexo masculino. As idades dos participantes encontram-se compreendidas entre os 10 e os 13 anos ( $M = 11,93$ ;  $SD = 1,03$ ), sendo que a idade mais frequente é 12 anos (ver tabela 2).

**Tabela 2**

*Características demográficas da amostra do estudo qualitativo.*

N = 15	%	N
<b>Género</b>		
Feminino	66.7	10
Masculino	33.3	5
<b>Idade</b>		
10 anos	2	13.3
11 anos	2	13.3
12 anos	6	40.0
13 anos	5	33.0

### 3.2. Instrumentos

Neste estudo exploratório, foram utilizados dois instrumentos de avaliação, um de metodologia quantitativa e outro de natureza qualitativa. Estes foram, respectivamente, um questionário de auto-relato e uma entrevista de grupo de discussão focalizada.

#### 3.2.1. Questionário de auto-relato:

Foi aplicado um questionário desenvolvido no âmbito do presente estudo, tendo por base três questionários já utilizados largamente na literatura (ver Anexo C). A primeira parte foi adaptada do questionário sobre *bullying* de Olweus (1989) “*Bullying – A*

agressividade entre crianças no espaço escolar”, adaptado à população portuguesa por Oliveira e Tomás (1994, cit. in Pereira, 2002). Este questionário foi frequentemente utilizado em estudos sobre *bullying* e validado para a população Americana e Portuguesa, de forma a avaliar os comportamentos de provocação e vitimação de pares, proporcionando um dos instrumentos mais importantes para a investigação sobre o *bullying*.

Nesta secção são colocadas duas questões relativas à frequência de comportamentos de *bullying*, desempenhando o papel de vítima (“Nos últimos 2 meses, quantas vezes foste vítima/provocado na tua escola?”) e de provocador (“Nos últimos 2 meses, quantas vezes participaste em *bullying*/provocações a outro(s) aluno(s) na tua escola?”). Para cada uma das mesmas questões, as respostas consistem em escolha múltipla, correspondendo a “Não fui provocado nos últimos 2 meses”, “Apenas uma a duas vezes”, “2 ou 3 vezes por mês”, “Cerca de uma vez por semana” e “Várias vezes por semana”, podendo apenas ser assinalada uma resposta (com uma X) como resposta. Se o participante assinalar alguma das respostas que corresponda a “duas ou três vezes por mês” ou mais, considera-se como uma resposta de “sim” em relação a ser vítima (1ª questão) ou provocador (2ª questão). Assim, quando os participantes respondem “Sim” (“duas ou três vezes por mês” ou mais) em relação a terem sido vítimas e “Não” a terem sido provocadores, são considerados vítimas de *bullying*; quando respondem “Não” à questão sobre ter sido vítima e “Sim” a ter sido provocador, são considerados provocadores; os que respondem “Sim” às duas questões têm duplo envolvimento como provocadores-vítimas; e os que responderam “não” às duas questões são os que não se envolvem directamente em comportamentos relacionados com este fenómeno.

A segunda secção, adaptada do questionário *Homophobic Content Agent Target* (HCAT; Poteat & Espeleage, 2005), consiste em questões relacionadas com o *bullying* no que concerne ao peso (homofobia, no original), especificamente para perceber até que ponto os jovens chamam e são chamados de “gordo/a” ou outros nomes pejorativos relacionados ao excesso de peso. Estes nomes utilizados como provocações comuns a pessoas com excesso de peso (*gordo/gorda, banhas*) surgiram através de um grupo de jovens aos quais foi questionado que tipo de nomes utilizavam, ou ouviam mais frequentemente serem utilizados como insultos, relativamente a pessoas com excesso de peso, em estudo prévio. Este questionário, HCAT, foi validado para a população Americana, para aceder à extensão de *bullying* homofóbico, nomeadamente para determinar a dimensão de estudantes que chamavam, ou eram chamados, através de

nomes referenciados como homofóbicos. É de referir, ainda, que o mesmo permitiu revelar uma associação entre as escalas de *bullying*, já largamente utilizadas, e questões de *bullying* homofóbico (Poteat & Espeleage, 2005), contribuindo para a validade convergente da medida.

As questões foram colocadas de forma a diferenciar formas de relacionamento interpessoal entre pares e o peso percebido, em duas subescalas de cinco itens, sendo a primeira correspondente ao alvo (“Na última semana, quantas vezes as seguintes pessoas te chamaram estes nomes”) e a outra ao agente (“Na última semana, quantas vezes chamaste estes nomes a”). Cada item (“Um/a amigo/a”, “Alguém que não conhecias”, “Alguém de quem não gostas”, “Alguém que era obeso/a”, “Alguém que não era obeso/a”) foi avaliado numa escala de 1 (*Muito frequentemente*) a 5 (*nunca*). O cálculo da média de respostas dadas a estes itens, permitiu combina-los originando dois índices ( $\alpha = 0.64$  e  $\alpha = 0.79$ ). Estes indicadores foram utilizados nas análises que se seguem na secção dos resultados.

A terceira secção foi adaptada do questionário *Speakout Survey* de Stonewall (Hunt & Jensen, 2007), que foi validado para a população Britânica e conduzido pela *School Health Education Unit* de forma a avaliar o *bullying* homofóbico no Reino Unido. O questionário revelou, por exemplo, que 90% das raparigas lésbicas foram vítimas de *bullying* verbal e a que, comparativamente às raparigas lésbicas, os rapazes gays experienciavam mais *bullying* homofóbico físico, o que é consistente com a literatura supracitada no que concerne ao facto de os rapazes sofrerem mais de *bullying* físico do que as raparigas.

Esta secção incluiu questões relacionadas com o tipo de comportamento associado ao *bullying* (“Se foste alvo de bullying em que alguém te provocou devido ao teu peso, com que frequência foste sujeito/a a:”) e aos agentes desses tipos de comportamento (“Quem é que te intimidou, insultou ou agrediu devido à tua aparência ou peso?”), sempre relativamente ao peso. Na primeira questão, as respostas eram avaliadas numa escala de 1 (*Muito frequentemente*) a 5 (*nunca*) os seguintes itens: “Agressão verbal (e.g. insultos, piadas)”, “Olhares intimidantes”, “Agressão física (e.g. bater, pontapear)”, “Ser ignorado/a ou isolado/a”, “Estragar ou roubar coisas”, “Mexericos ou boatos (e.g. dizerem coisas nas costas sobre a tua aparência ou peso)”, “Ameaça à tua integridade física (por exemplo, com uma arma)”, “Agressão sexual”, “Por mensagens no telemóvel”, “Por posts na internet ou blogs” e “Por mensagens em Messenger/chats ou email”. Relativamente à segunda questão, eram avaliados na mesma escala (1-5) os

seguintes itens: a) raparigas do teu ano, b) rapazes do teu ano, c) raparigas mais velhas da tua escola, d) rapazes mais velhos da tua escola, e) raparigas mais novas da tua escola, f) rapazes mais novos da tua escola e g) outras pessoas. O questionário completo pode ser consultado no anexo 3.

### **3.2.2. Entrevista de grupo de discussão focalizada:**

Vários autores têm evidenciado algumas das principais vantagens da utilização de questionários como forma de avaliação (Becker, 1994; Lakatos & Marconi, 1996; Minayo, 1996). Assim, uma vantagem deste tipo de instrumentos pode ser o facto de um questionário nem sempre necessitar da participação activa do pesquisador para que o participante responda às questões. Acrescentando a esse facto, o questionário consegue, ainda, ser aplicado a várias pessoas ao mesmo tempo obtendo um grande número de dados. Esta metodologia quantitativa garante, igualmente, liberdade nas respostas devido ao anonimato. Para além das vantagens evidenciadas, o questionário permite também a recolha de respostas rápidas e objectivas. Todavia, este não permite aprofundar o tema em questão como a metodologia qualitativa, mais especificamente como a entrevista de grupo focalizada.

Esta técnica de pesquisa utiliza as sessões grupais como facilitadores da expressão de percepções, experiências, atitudes, etc., dos participantes em relação a um ou mais tópicos (Newman & Ribeiro, 2002). O seu planeamento e realização devem seguir alguns passos a fim de uma condução eficaz e alcance dos objectivos pretendidos: (1) estabelecer os objectivos desta técnica e da pesquisa em si, (2) definir um plano de acção, (3) desenvolver questões que permitam responder aos objectivos da pesquisa e elaborar um guião com as mesmas, (4) identificar as características dos participantes, para se proceder ao seu recrutamento, (5) proceder às entrevistas, assegurando as condições das mesmas (e.g. local, disposição dos lugares). Quando a entrevista estiver finalizada, segue-se a transcrição e a sua análise (Newman & Ribeiro, 2002).

A principal vantagem da entrevista de grupo focalizada consiste na oportunidade de observar uma maior interacção entre os participantes em relação a um tema. Possibilita, ainda, o acesso a uma grande variedade de tópicos, seleccionados segundo o interesse do pesquisador. É um recurso que obtém resultados rapidamente, é acessível de aplicar e é de baixo custo. A interacção que surge entre os participantes possibilita aos mesmos

*insights* sobre temas e comportamentos complexos das pessoas. Porém, há um menor controlo por parte do entrevistador, uma vez que o grupo pode tomar o rumo da entrevista. Por sua vez, também os dados são de difícil análise, necessitando de um treino cuidadoso do entrevistador. Existe, ainda, uma grande variabilidade entre os vários grupos (Millward, 2000).

Desta forma e com vista a aprofundar e clarificar as questões relacionadas com o *bullying* e, associadas a estas, as questões de género e obesidade/peso, foi colocado um conjunto de questões para a melhor compreensão deste fenómeno. Assim, as questões que considerámos necessárias para este grupo de discussão estão relacionadas com a importância dada à aparência física/peso e com as consequências que possam surgir devido à importância dada. Igualmente, remetem para as provocações relativas ao peso e para a experiência vivida numa situação destas, tendo em conta as relações entre pares, a diferença de comportamentos provocativos entre raparigas e rapazes, e ainda propostas de soluções de modo a terminar com este tipo de comportamentos. O guião desenvolvido é apresentado no anexo D.

### **3.3.Procedimento**

O presente estudo desenrolou-se em duas fases: a primeira, de aplicação de questionários de auto-relato e na segunda fase a realização de uma entrevista de grupo focalizada.

Foi enviado um pedido formal de autorização para a aplicação dos questionários e entrevistas (ver anexo A) à Coordenadora do Espaço Jovem do Programa Escolhas que colaborou neste projecto, assim como a autorização para os pais dos jovens (ver Anexo B), o questionário e o guião da entrevista a ser aplicado (ver Anexo D). O pedido de consentimento informado, bem como a informação sobre a confidencialidade e a natureza voluntária da colaboração, foram explicitados de acordo com os códigos de ética nacionais e internacionais (ver American Psychological Association, APA, 2002). Seguidamente, foram agendados os dias para a aplicação dos questionários e para as entrevistas.

A aplicação dos questionários foi feita ao número máximo de crianças e jovens que estavam presentes nas instalações do Projecto. Os participantes podiam ser tanto raparigas, como rapazes, desde que tivessem idades compreendidas entre os 8 e os 14 anos. Mais uma vez, quando era entregue o questionário a ser preenchido, era explicado

que o mesmo se tratava de um elemento crucial para o desenvolvimento de um trabalho de final de Curso e que os dados eram confidenciais e anónimos e a sua utilidade era apenas para a utilização nesse mesmo trabalho (APA, 2002). Depois, foi explicado o que era o fenómeno *bullying* e do que se tratavam as questões colocadas, sempre que necessário eram esclarecidas dúvidas em relação à interpretação das mesmas. No final, era feito o agradecimento pela colaboração.

Para a realização das entrevistas de grupo, foram reunidos 3 grupos de 5 jovens. Foi utilizado um gravador, de forma a poder guardar toda a informação discutida durante a entrevista. Inicialmente foi explicado o objectivo da realização desta reunião de grupo, afirmando que seria para compreender melhor o fenómeno do *bullying* e a importância da aparência física para as raparigas e para os rapazes. Devido ao facto de poder haver algum participante que não soubesse o significado de *bullying*, descrevemos e explicamos de forma breve no que consiste este conceito. Mais uma vez, abordámos as questões da confidencialidade e anonimato (APA, 2002), como havíamos feito aquando da aplicação dos questionários. As questões elaboradas no guião de entrevista foram colocadas de forma a promover uma maior discussão e a motivar também a participação de todos. No final, mais uma vez agradecemos a colaboração dos respectivos participantes.

A análise dos dados obtidos através da aplicação do questionário foi feita através do programa de *software* SPSS, utilizando maioritariamente estatística descritiva e testes inferenciais de diferenças de médias entre grupos, paramétricos e não-paramétricos (Pestana & Gageiro, 2005). Por sua vez, os dados obtidos através da entrevista de grupo focalizada foram analisados através da análise de conteúdo. A mesma é definida por Krippendorff (2004) como uma técnica de pesquisa que proporciona a realização de inferências válidas e replicáveis a partir de textos, ou de outros materiais que sejam relevantes, relativamente aos contextos de utilização. Um outro autor, anteriormente, definiu a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que pretendem obter, através de procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (que podem ou não ser quantitativos) que permitam fazer inferências de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mesmas (Bardin, 1989).

Este tipo de análise pressupõe o registo e a transcrição dos dados e a construção de categorias de análise, cuja finalidade principal é a interpretação das comunicações obtidas nas entrevistas. Para a concretização desta análise são seguidos vários passos

como: (1) preparação das informações, (2) unitarização ou transformação do conteúdo em unidades de análise, (3) categorização ou classificação das unidades em categorias, (4) descrição e (5) interpretação (Moraes, 1999). Segundo Carreiras (2008) existem duas fases contempladas nesta análise: a preparação da análise e a análise do material. A primeira inclui o desenho da pesquisa/delimitação dos objectivos, constituição da amostragem e elaboração de indicadores. Por sua vez, a análise do material pressupõe a categorização, a definição das unidades de análise, codificação e por fim a interpretação dos resultados.

Carreiras (2008) refere que a categorização pode ser realizada de três formas: à priori - quando a interacção entre um quadro teórico, os problemas a estudar e o plano de hipóteses permitem a formulação de categorias prévias; à posteriori - quando o sistema de categorias resulta da classificação analógica e progressiva dos elementos; e mista - combinação dos dois processos anteriores. A delimitação de unidades de análise deve obedecer a regras de forma a que a análise seja válida, a saber, criar unidades homogéneas, exaustivas (esgotar a totalidade do texto), exclusivas (um mesmo elemento do conteúdo não pode ser classificado aleatoriamente em duas categorias diferentes), objectivas (codificadores diferentes devem chegar a resultados iguais), adequadas ou pertinentes (adaptadas ao conteúdo e ao objectivo; Bardin, 1989). Estes passos foram seguidos, utilizando uma categorização mista, sendo utilizadas tabelas para ilustração das categorias, sub-categorias e exemplificação de transcrições/unidades de análise (ver Anexo E). Não foram contabilizadas as frequências relativas ao que foi transmitido pelos jovens nos focus de grupo, dada a dificuldade em isolar cada informação, não sendo tão acessível como seria no caso de uma entrevista individual.

## 4.Resultados

Os resultados serão apresentados em duas secções. Numa primeira parte, apresentamos os dados da análise quantitativa dos dados do questionário de auto-relato. Numa segunda parte são então apresentados os resultados referentes aos grupos de discussão focalizada e a sua análise de conteúdo.

### 4.1.Questionário de Auto-Relato

A análise dos resultados no instrumento de auto-relato é apresentada de seguida para cada secção, efectuando a análise comparativa entre os rapazes e as raparigas. Assim, relativamente à experiência de *bullying* enquanto vítima e/ou enquanto provocador (ver procedimentos propostos por Olweus na descrição do instrumento<sup>1</sup>), os dados revelaram, no geral, que a maioria não foi provocado nos últimos dois meses (83.6%), nem provocou ninguém nesse mesmo período de tempo (85.2%). Os dados descritivos detalhados encontram-se na Tabela 3.

**Tabela 3**

*Frequência de bullying nos últimos dois meses do período de escola.*

	Vitimação [ % (n)]			Provocação [ % (n)]		
	Raparigas (N = 28)	Rapazes (N = 33)	Total (N = 61)	Raparigas (N = 28)	Rapazes (N = 33)	Total (N = 61)
“Não fui provocado nos últimos 2 meses”	75.0 (21)	66.7 (22)	69.4 (43)	82.1 (23)	69.7 (23)	74.2 (46)
“Apenas uma a duas vezes ”	17.9 (5)	9.1 (3)	12.9 (8)	10.7 (3)	9.1 (3)	9.7 (6)
“2 ou 3 vezes por mês”		9.1 (3)	4.8 (3)		15.2 (5)	8.1 (5)
“Cerca de uma vez por semana”	3.6 (1)	6.1 (2)	4.8 (3)	7.1 (2)		3.2 (2)
“Várias vezes por semana”	3.6 (1)	9.1 (3)	6.5 (4)		6.1 (2)	3.2 (2)

<sup>1</sup> De acordo com os procedimentos propostos por Olweus, considera-se vítima ou provocador, respectivamente no que concerne a pergunta 1 e 2 do questionário, o participante que assinalar os itens 3, 4 e 5 como resposta.

Pela leitura da tabela, verifica-se que relativamente à questão sobre vitimação, maioritariamente os participantes revelaram ser vítimas de provocações “apenas uma ou duas vezes” (12.9%), seguido de “várias vezes por semana” (6.5%) e com igual percentagem, “2 ou 3 vezes por mês” e “cerca de uma vez por semana” (4.8%). No que se refere à segunda questão, relativa à provocação, os participantes provocaram na sua maioria “apenas uma a duas vezes” (9.7%) e “2 ou 3 vezes por mês” (8.1%), e com uma menor participação activa “cerca de uma vez por semana” e “várias vezes por semana” (3.2%).

Acrescenta-se, ainda, que são os rapazes que mais se envolvem em comportamentos de *bullying*, tanto como vítimas (24.3%), como provocadores (21.3%). Podemos referir igualmente que, quando têm comportamentos provocativos, têm-nos maioritariamente “2 a 3 vezes por mês” (15.2%), e quando são provocados são em grande parte “2 a 3 vezes por mês” (9.1%) e “várias vezes por semana” (9.1%). Já as raparigas, na sua maioria, quando são vitimadas são “1 vez por semana” e “várias vezes por semana”, com igual percentagem, 3.6%. Relativamente a comportamentos de provocação, as mesmas mais frequentemente fazem-no “uma vez por semana” (7.1%). A análise descritiva das experiências de *bullying* relativamente ao peso especificamente é apresentada na tabela 4, referindo-se a uma escala de 1 (Muito frequentemente) a 5 (nunca).

**Tabela 4**

*Média de resposta às questões sobre bullying e peso.*

	Vitimação [ M (DP)]			Provocação [ M (DP)]		
	Raparigas (N = 28)	Rapazes (N = 33)	Total (N = 61)	Raparigas (N = 28)	Rapazes (N = 33)	Total (N = 61)
“Um amigo/a”	4.50 (1.04)	4.27 (1.31)	4.38 (1.19)	4.50 (0.84)	4.33 (1.11)	4.41 (0.99)
“Alguém que não conhecias”	4.68 (0.72)	4.48 (0.87)	4.57 (0.81)	4.68 (0.77)	4.76 (0.61)	4.72 (0.69)
“Alguém de quem não gostas”	3.96 (1.17)	4.00 (1.20)	3.98 (1.18)	4.14 (1.04)	4.24 (1.17)	4.20 (1.11)
“Alguém que era obeso/a”	4.75 (0.59)	4.45 (1.12)	4.59 (0.92)	4.43 (0.10)	4.58 (0.83)	4.51 (0.91)
“Alguém que não era obeso”	4.46 (1.04)	4.52 (0.97)	4.49 (0.99)	4.82 (0.77)	4.70 (0.77)	4.75 (0.77)

No que concerne a vitimação, no geral, os jovens raramente são provocados por “um amigo/a” (M = 4.38, DP = 1.19), “alguém de quem não gostas” (M = 3.98, DP = 1.18) e “alguém que não era obeso/a” (M = 4.49, DP = 0.99) e nunca são provocados por “alguém que não conhecias” (M = 4.57, DP = 0.81) e “alguém que era obeso/a” (M = 4.59, DP = 0.92). Especificamente, as raparigas, relatam nunca terem sido provocadas por “um amigo/a” (M = 4.50, DP = 1.04), “alguém que não conhecias” (M = 4.68, DP = 0.72) e “alguém que era obeso/a” (M = 4.75, DP = 0.59), e raramente por “alguém de quem não gostas” (M = 3.96, DP = 1.17) e “alguém que não era obeso/a” (M = 4.46, DP = 1.04). Já os rapazes, afirmam nunca terem sido provocados por “alguém que não conhecias” (M = 4.57, DP = 0.81) e “alguém que não era obeso/a” (M = 4.59, DP = 0.92), e raramente por “um amigo/a” (M = 4.27, DP = 1.31), “alguém que não conhecias” (M = 4.48, DP = 0.87), “alguém de quem não gostas” (M = 4.00, DP = 1.20) e por “alguém que era obeso/a” (M = 4.45, DP = 1.12).

Relativamente ao papel activo como provocador, na totalidade, os jovens relatam nunca ter provocado “alguém que não conhecias” (M = 4.72, DP = 0.69), “alguém que era obeso/a” (M = 4.51, DP = 0.91) e “alguém que não era obeso/a” (M = 4.75, DP = 0.77), e raramente provocam “um amigo/a” (M = 4.41, DP = 0.99) e “alguém de quem não gostas” (M = 4.20, DP = 1.11). Nomeadamente, no que se refere às raparigas, as mesmas nunca provocam “um amigo/a” (M = 4.50, DP = 0.84), “alguém que não conhecias” (M = 4.68, DP = 0.77) e “alguém que não era obeso” (M = 4.82, DP = 0.77), e raramente “alguém de quem não gostas” (M = 4.14, DP = 1.04) e “alguém que era obeso/a” (M = 4.43, DP = 0.10). Em relação aos rapazes, os mesmos nunca provocam “alguém que não conhecias” (M = 4.76, DP = 0.61), “alguém que era obeso/a” (M = 4.58, DP = 0.83) e “alguém que não era obeso” (M = 4.70, DP = 0.77), e provocam raramente “um amigo/a” (M = 4.33, DP = 1.11) e “alguém de quem não gostas” (M = 4.24, DP = 1.17).

Ainda no que concerne o *bullying* relativamente ao peso (ver Tabela 5), numa questão sobre os tipos de comportamentos a que estão sujeitos os jovens quando são provocados devido ao seu peso, podemos afirmar, na mesma escala referida (1- muito frequentemente a 5- nunca), que, no geral, os jovens mais frequentemente, embora que raramente, estão sujeitos a agressão verbal (M = 4.08, DP = 1.05) e a mexericos e boatos (M = 4.18, DP = 1.09). Os jovens do sexo feminino relatam ser mais frequentemente, contudo raramente, vítimas de mexericos e boatos (M = 3.75, DP = 1.27), agressão verbal (M = 4.04, DP = 0.96) e de olhares intimidantes (M = 4.14, DP =

1.11). Por outro lado, os rapazes, para além de igualmente serem provocados através de agressão verbal (M = 4.12, DP = 1.14) e de olhares intimidantes (M = 4.42, DP = 1.09), de uma forma rara, também com a mesma frequência, são provocados através de agressão física (M = 4.24, DP = 1.03) e de isolamento (“ser ignorado/a ou isolado/a”) (M = 4.48, DP = 0.87).

**Tabela 5**

*Média de respostas relativamente ao tipo de comportamento de provocação no que concerne o peso.*

	Provocação [M]		
	Raparigas (N=28)	Rapazes (N=33)	Total (N=61)
“Agressão verbal”	4.04	4.12	4.08
“Olhares intimidantes ”	4.14	4.42	4.30
“Agressão física”	4.71	4.24	4.46
“Ser ignorado/a e/ou isolado/a”	4.64	4.48	4.56
“Estragar ou roubar coisas”	4.68	4.70	4.69
“Mexericos ou boatos”	3.75	4.55	4.18
“Ameaça grave à tua integridade”	5.00	4.91	4.95
“Agressão sexual”	4.96	4.94	4.95
“Por mensagens no telemóvel”	4.82	4.91	4.87
“Por posts na internet ou blogs”	5.00	4.91	4.95
“Por mensagens em Messenger/chats ou email”	4.89	4.91	4.90

Relativamente aos agentes envolvidos na provocação relativa ao peso, como podemos verificar na tabela 6, os resultados mostraram que os jovens, maioritariamente, relatam que os agentes de provocação são os rapazes do seu ano escolar (27.4%), “outras pessoas” (19.4%) e os rapazes mais velhos da sua escola (16.1%). Em minoria, consideram ser as raparigas do seu ano escolar (9.7%), seguidas dos rapazes mais novos

da sua escola (6.5%) e com igual frequência as raparigas mais velhas da sua escola e os rapazes mais novos da sua escola (4.8 %). As raparigas afirmam em maior percentagem que quem são os agentes de provocação são “outras pessoas” (28.6%), os rapazes do seu ano (25.0%) e as raparigas do seu ano (17.9%), em menor percentagem afirmam ser as raparigas mais velhas e os rapazes mais novos da sua escola (7.1%). De notar ainda que nunca consideram como agentes os rapazes mais velhos da sua escola. No que concerne os rapazes, em maior percentagem afirmam ser provocados pelos rapazes do seu ano escolar e os rapazes mais velhos da sua escola (30.3%), em menor percentagem são os que afirmam ser provocados pelas raparigas do seu ano escolar e pelas raparigas mais velhas da sua escola (3.1%). É de acrescentar que nunca referem como provocadores as raparigas mais novas da sua escola.

### Tabela 6

*Frequência de respostas relativamente aos agentes de provocação relativa ao peso.*

	Provocação [ % (n)]		
	Raparigas (N = 28)	Rapazes (N = 33)	Total (N = 61)
“raparigas do teu ano”	17.9 (5)	3.0 (1)	9.7 (6)
“rapazes do teu ano ”	25.0 (7)	30.3 (10)	27.4 (17)
“raparigas mais velhas da tua escola”	7.1 (2)	3.0 (1)	4.8 (3)
“rapazes mais velhos da tua escola”		30.3 (10)	16.1 (10)
“raparigas mais novas da tua escola”	10.7 (3)		4.8 (3)
“rapazes mais novos da tua escola”	7.1 (2)	6.1 (2)	6.5 (4)
“outras pessoas”	28.6 (8)	12.1 (4)	19.4 (12)

Por forma a fazer uma análise comparativa entre raparigas e rapazes e como se pode verificar na tabela que se segue, foram realizados teste t-Student para amostras independentes<sup>2</sup>. Esta análise demonstrou que as diferenças entre os rapazes e as raparigas não foram estatisticamente significativas no que diz respeito ao papel provocador em episódios de bullying. Contudo, parece existir uma diferença

<sup>2</sup> Foram realizados testes não paramétricos, Mann Whitney, aconselháveis para amostras pequenas, mas não surgiram diferenças em relação aos resultados.

significativa, no que concerne a vitimação, sendo que foi significativamente mais identificado como sendo superior nos rapazes [ $t(59)=-1.273$ ,  $p<.01$ ], especificamente no que se refere ao item “2 ou 3 vezes por mês” [ $t(59)=-2.199$ ;  $p<0.05$ ] (ver Tabela 7).

### Tabela 7

*Resultados da relação de vitimação e provocação com o género.*

	Vitimação [M]				Provocação [M]			
	Raparigas (N=28)	Rapazes (N=33)	Total (N=61)	T- student	Raparigas (N=28)	Rapazes (N=33)	Total (N=61)	T- student
“Não fui provocado”	0.75	0.67	0.70	0.702	0.82	0.70	0.75	1.118
“Apenas uma a duas vezes”	0.18	0.09	0.13	1.002	0.11	0.09	0.10	0.209
“2 ou 3 vezes por mês”		0.09	0.05	-1.646		0.15	0.08	-2.199*
“Cerca de uma vez por semana”	0.36	0.06	0.05	-0.441	0.07		0.03	1.567
“Várias vezes por semana”	0.04	0.09	0.07	-0.859		0.06	0.03	-1.322
Total	1.43	1.82	1.64	-1.273*	1.32	1.64	1.49	-1.218

Nota: \*  $p<0.05$  \*\*  $p<0.01$

Relativamente aos episódios de *bullying* tendo em conta o peso, e como apresentado na tabela 8, testes t para amostras independentes<sup>3</sup>, revelaram que não existem diferenças significativas entre rapazes e raparigas no que diz respeito a quem é provocado ou provoca, no que concerne o peso.

<sup>3</sup> Foram igualmente realizados testes não paramétricos, Mann Whitney, não tendo surgido diferenças em relação aos resultados.

**Tabela 8**

*Resultados da relação do bullying em relação ao excesso de peso com o género.*

Quantas vezes te chamaram “gordo/a”?	Média (Raparigas)	Média (Rapazes)	Média total	T-student
<b>Um amigo/a</b>	4.50	4.27	4.38	0.743
<b>Alguém que não conhecias</b>	4.68	4.48	4.57	0.935
<b>Alguém de quem não gostas</b>	3.96	4.00	3.98	-0.117
<b>Alguém que era obeso/a</b>	4.75	4.45	4.59	1.256
<b>Alguém que não era obeso/a</b>	4.46	4.52	4.49	-0.198
<b>Sub-Total</b>	4.47	4.35	4.40	0.746
<hr/>				
Quantas vezes chamaste “gordo/a”?				
<b>Um amigo/a</b>	4.50	4.33	4.41	0.652
<b>Alguém que não conhecias</b>	4.68	4.76	4.72	-0.445
<b>Alguém de quem não gostas</b>	4.14	4.24	4.20	-0.347
<b>Alguém que era obeso/a</b>	4.43	4.58	4.51	-0.629
<b>Alguém que não era obeso/a</b>	4.82	4.70	4.75	0.628
<b>Sub-Total</b>	4.51	4.52	4.51	-0.040

Nota: \*  $p < 0.05$  \*\*  $p < 0.01$

Relacionando o tipo de comportamento provocativo com o género, e realizando o mesmo teste para amostra independentes<sup>4</sup>, como se apresenta na tabela 9, parece apenas haver diferença significativa entre rapazes e raparigas, relativamente aos comportamentos de agressão física [ $t(59) = 2.132$ ,  $p < 0.05$ ] e mexericos e boatos [ $t(59) = -3.034$ ,  $p < 0.05$ ]. Neste sentido, de acordo com os resultados destes testes, por um lado são os rapazes que utilizam mais a agressão física em episódios de *bullying*, e por

<sup>4</sup> Também foram realizados testes não paramétricos, Mann Whitney, mas não surgiram diferenças em relação ao teste t-student em relação aos resultados obtidos.

outro, são as raparigas que mais utilizam mexericos e boatos como forma de provocação.

**Tabela 9**

*Resultados da relação com os tipos de comportamento de bullying com o género.*

	<b>Média (Raparigas)</b>	<b>Média (Rapazes)</b>	<b>Média total</b>	<b>T-student</b>
<b>Agressão verbal</b>	4.04	4.12	4.08	-0.313
<b>Olhares intimidantes</b>	4.14	4.42	4.30	-0.995
<b>Agressão física</b>	4.71	4.24	4.46	2.132*
<b>Ser ignorado/a ou isolado/a</b>	4.64	4.48	4.56	0.760
<b>Estragar ou roubar coisas</b>	4.68	4.70	4.69	-0.093
<b>Mexericos ou boatos</b>	3.75	4.55	4.18	-3.034*
<b>Ameça grave à integridade</b>	5.00	4.91	4.95	1.250
<b>Agressão sexual</b>	4.96	4.94	4.95	0.338
<b>Por mensagens no telemovel</b>	4.82	4.91	4.87	-0.639
<b>Por posts na internet ou blogs</b>	5.00	4.91	4.95	1.250
<b>Por mensagens em Messenger/chats ou email</b>	4.89	4.91	4.90	-0.178

Nota: \*  $p < 0.05$

Como constante na tabela 10, é de notar igualmente, que não existem diferenças significativas entre os rapazes e as raparigas no que diz respeito aos agressores identificados. A única exceção parece ser relativa a agressores que sejam “rapazes mais velhos”, que foram significativamente mais identificados como agressores pelos rapazes [ $t(59) = -3.43, p < .01$ ]<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Mais uma vez, foram realizados testes não paramétricos, Mann Whitney, que não revelaram diferenças em relação aos testes t-student em relação aos resultados obtidos.

**Tabela 10***Resultados da relação dos agentes de provocação e o género.*

	Média (F)	Média (M)	Média total	T-student
<b>Raparigas do mesmo ano</b>	0.18	0.03	0.10	1.967
<b>Rapazes do mesmo ano</b>	0.25	0.30	0.28	-0.454
<b>Raparigas mais velhas</b>	0.07	0.03	0.05	0.731
<b>Rapazes mais velhos</b>	0.00	0.30	0.16	-3.431*
<b>Raparigas mais novas</b>	0.11	0,00	0.05	1.957
<b>Rapazes mais novos</b>	0.07	0,06	0.07	0.167
<b>Outras pessoas</b>	0.29	0.12	0.20	1.619

Nota: \* p&lt;0.05 \*\* p&lt;0.01

Acrescenta-se, ainda, através da tabela 11, a distribuição dos papéis desempenhados em episódios de *bullying*, entre todos os participantes. A maioria dos participantes assume, assim, o papel de observador (77.0%), seguido de vítima (8.2%) e simultaneamente vítima e agressor (8.2%). Com menos representatividade, são os participantes que assumem comportamentos de provocação, com 6.6%.

**Tabela 11***Papel desempenhado em episódios de bullying.*

N = 61	N	%
Observador	47	77.0
Vítima	5	8.2
Vítima/Agressor	5	8.2
Agressor	3	6.6

Partindo desta tipologia e destes 4 sub-grupos da amostra, foi efectuada a análise das diferenças entre estes jovens/papeis no que toca a exercerem ou serem vítima de *bullying* relativo ao peso (ver Tabela 12).

Podemos constar primeiramente relativamente à vitimação (ser chamado por exemplo de gordo/a) que os que representam o papel de vítima revelam ser regularmente provocados e por “alguém que não era obeso” (M=3.40, DP = 1.52). Os jovens que são simultaneamente vítimas e provocadores, são com mais frequência provocados verbalmente por alguém de quem não gostam (M = 2.60, DP = 1.14), e os provocadores igualmente (M=3.25, DP = 0.96).

Já no que concerne a provocação, as vítimas raramente chamam os nomes indicados a quem não gostam (M=4.20, DP = 1.10), e igualmente os que se envolvem simultaneamente como vítimas e provocadores (M=4.20, DP = 1.10). Os provocadores fazem-no também a alguém de quem não gostam, mas de uma forma frequente (M=2.25, DP = 1.90). Salienta-se que, considerando as respostas das vítimas/provocadores e dos aprovocadores ao item “alguém que era obeso”, estas pessoas são raramente alvos de provocação (vítimas/provocadores: M = 3.80, DP = 1.10; provocadores: M = 3.75, DP = 1.50), desempenhando também raramente um papel activo como agressores (vítimas/provocadores: M = 3.80, DP = 1.10; provocadores: M = 3.50, DP = 1.73). É de salientar, ainda, que os restantes resultados, tendo em conta a escala referida anteriormente, aproximam-se mais do 5, o que, desta forma, corresponde a nunca terem tido ou sofrido esse comportamento em relação aos respectivos alvos apresentados.

A análise entre grupos é apresentada apenas de forma descritiva, uma vez que a sua dimensão (em particular dos agressores, agressores-vítima, e vítimas) é demasiado pequena para a sua comparação estatística ter um significado real.

**Tabela 12**

*Resultados das médias de resposta relativamente a Bullying em relação ao excesso de peso por subgrupos.*

	Observadores	Vítimas	Vítimas/Provocadores	Provocadores
Alguma vez te chamaram estes nomes?				
<b>Um amigo/a</b>	4.49	4.00	4.20	3.75
<b>Alguém que não conhecias</b>	4.68	4.20	3.80	4.75
<b>Alguém de quem não gostas</b>	4.23	3.60	2.60	3.25
<b>Alguém que era obeso/a</b>	4.72	5.00	3.80	3.50
<b>Alguém que não era obeso/a</b>	4.72	3.40	4.00	3.75
<b>Sub-Total</b>	4.57	4.04	3.68	3.80
Alguma vez chamaste estes nomes a?				
<b>Um amigo/a</b>	4.49	4.40	4.20	3.75
<b>Alguém que não conhecias</b>	4.83	4.80	4.20	4.00
<b>Alguém de quem não gostas</b>	4.45	4.20	3.40	2.25
<b>Alguém que era obeso/a</b>	4.64	4.60	3.80	3.75
<b>Alguém que não era obeso/a</b>	4.83	5.00	4.20	4.25
<b>Sub-Total</b>	4.65	4.60	3.96	3.60

Ainda, conforme tabela 13, tendo em conta os subgrupos envolventes no fenómeno de *bullying*, podemos afirmar que os observadores raramente foram provocados através de agressão verbal ( $M = 4.30$ ,  $DP = 0.93$ ) e olhares intimidantes ( $M = 4.40$ ,  $DP = 1.01$ ). Relativamente às vítimas, foram provocados algumas vezes através de insultos verbais ( $M = 3.00$ ,  $DP = 1.23$ ), e raramente provocados de olhares intimidantes ( $M = 4.40$ ,  $DP = 0.89$ ), agressão física ( $M = 4.40$ ,  $DP = 0.89$ ), isolamento ( $M = 4.60$ ,  $DP = 0.89$ ) e mexericos e boatos ( $M = 4.00$ ,  $DP = 1.00$ ).

No que diz respeito às vítimas/provocadores, podemos afirmar que foram provocados algumas vezes através de agressão verbal ( $M = 3.20$ ,  $DP = 1.10$ ), olhares intimidantes ( $M = 3.40$ ,  $DP = 1.82$ ) e agressão física ( $M = 2.80$ ,  $DP = 1.10$ ). Ainda, relativamente aos mesmos, revelaram que raramente são sujeitos a isolamento ( $M = 4.00$ ,  $DP = 1.23$ ), a lhes roubarem e estragarem coisas ( $M = 3.80$ ,  $DP = 1.79$ ) e a mexericos e boatos ( $M = 4.40$ ,  $DP = 0.89$ ). Já os provocadores raramente são sujeitos a agressão verbal ( $M = 4.00$ ,  $DP = 1.16$ ), olhares intimidantes ( $M = 4.00$ ,  $DP = 1.16$ ), a isolamento ( $M = 4.75$ ,  $DP = 0.50$ ) e a mexericos e boatos ( $M = 3.75$ ,  $DP = 1.50$ ).

**Tabela 13**

*Média de respostas relativamente aos tipos de comportamento de provocação, no que diz respeito aos subgrupos envolvidos no bullying.*

	Observador	Vítima	Vítima/Provocador	Provocador
“Agressão verbal”	4.30	3.00	3.20	4.00
“Olhares intimidantes”	4.40	4.40	3.40	4.00
“Agressão física”	4.62	4.40	2.80	4.75
“Ser ignorado/a ou isolado/a”	4.64	4.60	4.00	4.25
“Estragar ou roubar coisas”	4.74	5.00	3.80	4.75
“Mexericos ou boatos”	4.21	4.00	4.40	3.75
“Ameaça grave à tua integridade”	4.94	5.00	5.00	5.00
“Agressão sexual”	4.94	5.00	5.00	5.00
“Por mensagens no telemóvel”	4.85	5.00	4.80	5.00
“Por posts na internet ou blogs”	4.96	5.00	4.80	5.00
“Por mensagens em Messenger/chats ou email”	4.91	5.00	4.80	4.75

Relativamente aos agentes de provocação, segundo a tabela 14, os resultados evidenciam que os observadores, na sua maioria, afirmam que são “outras pessoas” (21.3%), os rapazes do seu ano escolar (19.1%) e os rapazes mais velhos da sua escola (10.6%), os agentes de provocação no que diz respeito ao *bullying* em relação ao peso. Seguem, embora em menor percentagem, as raparigas do seu ano escolar e os rapazes mais novos da sua escola (6.4%), e as raparigas mais novas e mais velhas da sua escola (4.3%). As vítimas afirmam, maioritariamente, ser os rapazes do seu ano escolar (100.0), mas também as raparigas do seu ano escolar (20.0%) e “outras pessoas” (20.0%). Em relação aos jovens que são simultaneamente vítimas e provocadores, os mesmos na sua maioria relatam ser os agentes de provocação os rapazes mais velhos da

sua escola (80.0%), seguidos dos rapazes do seu ano escolar (20.0%) e das raparigas mais velhas da sua escola (20.0%). Por fim, os provocadores, em maior percentagem, dizem ser as raparigas mais velhas da sua escola (100%), mas também, embora em menores percentagens, as raparigas e rapazes do seu ano escolar (50.0%), seguidos dos rapazes mais velhos da sua escola (25.0%) e das raparigas e rapazes mais novos e “outras pessoas” (25.0%).

#### **Tabela 14**

*Frequência de respostas relativa aos agentes de provocação no que concerne o peso, tendo em conta os subgrupos.*

	Observador (N = 47) [%/n]	Vítima (N = 5) [%/n]	Vítima/Provocador (N = 5) [%/n]	Provocador (N = 4) [%/n]
“raparigas do teu ano”	6.4 (3)	20.0 (1)		50.0 (2)
“rapazes do teu ano”	19.1 (9)	100.0 (5)	20.0 (1)	50.0 (2)
“raparigas mais velhas da tua escola”	4.3 (2)		20.0 (1)	100.0 (4)
“rapazes mais velhos da tua escola”	10.6 (5)		80.0 (4)	25.0 (1)
“raparigas mais novas da tua escola”	4.3 (2)			25.0 (1)
“rapazes mais novos da tua escola”	6.4 (3)	100.0 (5)		25.0 (1)
“outras pessoas”	21.3 (10)	20.1 (1)		25.0 (1)

## 4.2. Grupos de Discussão Focalizada

### *Importância dada à aparência física e peso*

Foi consensual entre os participantes dos três grupos focais o facto de as raparigas darem mais importância à sua aparência física. Todavia, afirmaram igualmente que a aparência também tem significado para os rapazes, mas com um impacto menor (“...acho que há alguns rapazes que também se preocupam com a sua aparência, há outros que não. Acho que as raparigas preocupam-se mais...” grupo focal 1, raparigas).

As razões apontadas para uma maior importância dada à aparência por parte das raparigas residem, de acordo com os participantes, no facto de as mesmas sentirem que têm que ser bonitas e de se preocuparem com a forma como cuidam do seu aspecto físico (“Mas as raparigas dão mais importância. Gostam de estar todas arranjadas...e de ser bonitas” grupo focal 2, rapazes). Para além disso, alguns dos participantes do sexo feminino revelaram que, para os rapazes, é importante a aparência das raparigas e a forma como se vestem (“sim...sobre as roupas...e do corpo...se é boa ou não...” grupo focal 1, raparigas), e que as raparigas normalmente comentam as roupas que as suas colegas usam (“...porque estão as amigas delas a falarem...pronto...da roupa e essas coisas...” grupo focal 1, raparigas).

### *Consequências que derivam da importância dada à aparência física e peso*

Relativamente, às consequências que surgem através do grau de importância dado à aparência física e ao peso, grande parte dos participantes relataram não haver consequências. Porém, alguns participantes do sexo masculino afirmaram que haveria mais consequências para as raparigas (“é tipo a ‘lua vermelha’...há lá uma rapariga que quer sempre emagrecer” grupo 2, rapazes) e alguns do sexo feminino relataram a perda de relações entre pares como uma consequência (“Pode afectar amizades...” grupo focal 3, raparigas). Pessoas com excesso de peso, segundo a maior parte dos jovens, não têm menos amigos, nem deixam de ter relações amorosas por essa razão (“Não...mas há pessoas mais fortes que têm namorados. E há mais magros que não têm...” grupo focal 1, raparigas). Contudo, algumas jovens do sexo feminino consideraram que os rapazes preferem as raparigas que não têm excesso de peso (“...os rapazes preferem aquelas assim tchamm, com o corpo definido...” grupo focal 3, raparigas) e que algumas raparigas com excesso de peso por vezes isolam-se em casa e, talvez por esse motivo,

possam vir a ter menos amigos (“...sim, porque algumas depois não saiem de casa por causa disso. Acham-se gordas e não sei quê...” grupo focal 3, raparigas).

#### *Provocações relativamente à aparência e/ou peso e o impacto das mesmas*

Ainda no que respeita a aparência física, grande parte dos participantes revelou não ter sido alvo de provocação no que concerne o seu peso. No entanto afirmaram que quando alguém se dirige aos mesmos abordando o seu peso, “*é sempre na brincadeira*” (grupo focal 2, rapazes), e isto acontece igualmente quando se referem a si próprios de quando provocam alguém (e.g. “*a mim já me disseram que tava mais gorda. É na brincadeira...*” grupo focal 1; raparigas, “*Não, não é de forma maldosa. Comigo é sempre a brincar...ya de serem palitos ou gordos...*”, grupo focal 2, rapazes). Exceptuou-se um dos participantes que afirmou ter sido gozado pelas suas colegas de turma devido ao seu peso (“*Elas são da minha turma (...) acerca do meu peso, às vezes...balofa...*”, grupo focal 2, rapazes).

Apesar de não terem sido alvos de provocações relativas à sua aparência e/ou peso, alguns dos seus colegas foram provocados devido à sua aparência, nomeadamente por terem outros problemas de saúde (“*eu tenho um colega meu que é doente e gozam com ele mas é na brincadeira...*”, grupo focal 1, raparigas), e outros devido ao facto de terem excesso de peso (“*eu também tinha um colega meu que era gordinho(...) Os outros estavam sempre a gozar!*”, grupo focal 1, raparigas). Como consequências dessas provocações, alguns deles sentiram-se mais tristes e isolaram-se (“*...fica muito triste...*”, grupo focal 1, raparigas). Maior parte dos comportamentos de provocação revelados foram os verbais, incluindo desta forma o gozar e chamar nomes.

#### *Diferenças de género nos comportamentos de provocação*

Neste ponto surgiram diferenças de género relativamente aos comportamentos de provocação. A opinião dos participantes, em relação a este facto, foi semelhante, descrevendo as raparigas como tendo comportamentos mais discretos e indirectos (“*...nunca falam à frente...*” grupo focal 2, rapazes; “*as raparigas andam sempre zangadas e quando se zangam nunca andam à bulha*” grupo focal 2, rapazes; “*...às vezes falam mal das roupas e isso...*”, grupo focal 1, raparigas). Predominantemente, a sua forma de agressão, de acordo com os participantes, tende a ser baseada em insultos

verbais (“*só nomes...*”, grupo focal 2, rapazes). Por sua vez, os rapazes foram descritos como sendo mais directos e agressivos fisicamente (“*Os rapazes são mais directos...mais agressivos...*”, grupo focal 3, raparigas) e de utilizarem mais a força física como forma de comportamento de provocação (“*são mais fortes...*”, grupo focal 1 raparigas; “*...andam à pancada...*”, grupo focal 2, rapazes ).

### *Estratégias escolares de combate ao Bullying*

No que concerne a experiências de provocações, de todos os jovens que participaram neste grupo de discussão focalizada, nenhum deles afirmou contar a ninguém, nem mesmo aos responsáveis pela escola, nem aos seus pais sobre as situações em que são provocados por outros colegas da sua turma ou das outras turmas existentes na escola (“*Não contamos...*”, grupo focal 1, raparigas). Esta ausência de partilha das situações a que possam ser sujeitos coloca desafios à promoção de medidas escolares de combate ao *bullying*.

Ainda assim, alguns jovens conseguiram propor algumas medidas. Estas foram todas de carácter punitivo e reparativo, e não de carácter formativo ou preventivo. A grande maioria sugeriu como solução para acabar com as provocações de pares nas escolas a expulsão ou suspensão dos alunos que participam neste tipo de actos (“*Sei lá...expulsarem essas pessoas...*” grupo focal 1 raparigas; “*Ir ao conselho executivo e ser suspenso*”, grupo focal 2, rapazes). Alguns deles sugeriram a limpeza de casas de banho ou outras áreas da escola como castigo (“*A limpar a casa de banho, apanhar o lixo, varrer a escola, limparem as salas de aula, tudo*”, grupo focal 2, raparigas).

## 5. Discussão

O objectivo do presente estudo prende-se com a contribuição para a análise e compreensão da dinâmica envolvida num actual e frequente fenómeno da nossa sociedade, o *bullying*. Concretamente, pretendeu-se analisar este tipo de comportamento sobre a influência das questões associadas ao género e aparência física/peso. O presente fenómeno parece ser comprovadamente, com base na literatura supracitada, um comportamento antinormativo. O mesmo foi estudado, inicialmente, apenas com amostras exclusivamente masculinas (e.g. Coie, Dodge, Terry & Wrigth., 1991; Curtner-Smith, 2000). Ao longo das variadas investigações realizadas começaram a ser utilizadas igualmente amostras femininas, que mostraram que, apesar das raparigas revelarem comportamentos agressivos menos visíveis, é um facto que também representam um papel activo em episódios de *bullying*, contudo sob forma de uma agressão relacional (e.g. Crick, 1995). Adicionalmente, a literatura indica que a vitimação crónica de pares é comum entre crianças com excesso de peso (e.g. Pearce, Boergers, e Prinstein, 2002) e que a imagem corporal está fortemente ligada ao género (e.g. Bruchon-Schweitzer, 1990; Smolak, 2003), desenvolvendo-se e alterando-se através da percepção que o indivíduo tem de si próprio e do *feedback* que adquire do contexto social.

A pertinência do presente estudo exploratório é evidenciada pelo facto de os estudos de larga escala sobre *bullying* serem fundamentalmente de carácter quantitativo descritivo, sendo menos comuns as pesquisas que utilizam simultaneamente o método quantitativo e qualitativo. Para além disso, são poucas as investigações, nomeadamente em Portugal, nas quais a obesidade revela ser um factor relevante nas dinâmicas de *bullying*, tendo em conta as diferenças comportamentais e estereótipos de género. A grande maioria aglomerou o *bullying*, independentemente das suas diferentes dimensões. Outras focaram-se por exemplo em dimensões relativas à orientação sexual (e.g. Poteat & Espeleage, 2005), deficiência física (e.g. Cleave & Davis, 2006), entre outros. O nosso estudo pretendeu, assim, ultrapassar estas limitações.

Neste sentido, tendo em conta a análise quantitativa, alguns resultados obtidos vieram demonstrar consistência com a revisão de literatura realizada anteriormente. Investigações anteriores, com amostras nacionais representativas de alunos com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos de idade, revelaram, em conformidade com pesquisas estrangeiras, um maior envolvimento dos rapazes em comportamentos de provocação, vitimação e duplo envolvimento (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001;

Carvalhosa & Matos, 2004). Na mesma linha, os resultados do nosso estudo evidenciaram a existência de uma diferença significativa entre os rapazes e as raparigas no que se refere à vitimação, tendo revelado ser superior nos rapazes. Os nossos resultados revelaram, ainda, existir uma diferença significativa relativamente aos comportamentos de agressão física, que revelam ser mais frequentes nos rapazes, e mexericos e boatos, que por sua vez são mais utilizados pelas raparigas como forma de provocação. Neste âmbito, a literatura encontra-se consistente com os nossos resultados. De facto, tem sido amplamente reportado que a agressão relacional e os insultos verbais são os comportamentos de *bullying* mais identificados em raparigas e que comportamentos de carácter directo, como a agressão física, são mais evidentes em rapazes (e.g. Crick, 1995; Crick, Bigbee & Howes, 1996; Leckie, 1997; Owens, Shute & Slee, 2000; Owens, Slee & Shute, 2000).

Os nossos resultados apontaram, também, para diferenças significativas de género no que se refere aos agentes de *bullying* tendo em conta o peso, sendo os rapazes mais velhos os que significativamente são mais identificados como agressores pelos rapazes. Desta forma, estes resultados vão ao encontro da literatura referida, no que se refere não só ao género em si, mas também em relação à idade dos provocadores. Comprovadamente, são maioritariamente os alunos mais velhos os que mais frequentemente desempenham o papel de agressores (e.g. Pereira, Silva & Nunes, 2009). É de se notar igualmente que os rapazes agressores provocam significativamente mais, sendo que quando o fazem dirigem-se a vítimas do mesmo sexo (e.g. Boulton, 1996).

No conjunto de todos os testes estatísticos realizados, os resultados mencionados parecem ser excepção, no que respeita as diferenças de género. Assim, não encontramos diferenças significativas entre rapazes e raparigas, relativamente a quem é provocado ou quem provoca, tendo em conta a dimensão peso. Este facto contraria o que tem sido evidenciado na literatura. De acordo com a mesma, os jovens obesos são submetidos à rejeição social, discriminação e a estereótipos negativos. Para os rapazes ser obeso na pré-puberdade pode ser significado de dominância física, resultando em popularidade no seu grupo e na capacidade em dominar outras crianças, pelo que o contrário os torna mais vulneráveis a serem vítimas de *bullying* físico. Já para as raparigas, não existe nenhuma vantagem em ser fisicamente forte ou mesmo obesa, tornando-as mais vulneráveis a serem vítimas de *bullying* indirecto, nomeadamente sujeitas a insultos verbais (e.g. Wolke & Stanford, 1999; Olweus, 2004; Wardle & Cooke, 2005). Para

além disso, tem sido constatado em várias investigações recentes que os jovens obesos são mais frequentemente autores de *bullying* (Janssen et al., 2004). Contudo, os nossos resultados e a ausência de diferenças significativas podem estar relacionados com o facto de não ter sido avaliado o peso objectivo dos participantes, o que teria permitido a comparação com a literatura supracitada.

Ainda no que se refere aos tipos de comportamentos provocativos, com base nas diferenças de género, a única diferença significativa encontrada foi a mencionada anteriormente, relativa à agressão física e aos boatos e mexericos. Outros resultados não mostraram significância nas diferenças de género. Contudo, é de salientar que investigações prévias reportam como a principal diferença de comportamentos de provocação, entre rapazes e raparigas, o facto de os rapazes se interessarem mais por actividades físicas e por serem mais impulsivos, e que por essa razão frequentemente utilizam a agressão física. Por outro lado, e dado que as raparigas dão mais importância às relações e à partilha de intimidades, a utilização de comportamentos de carácter indirecto, como é o caso dos mexericos e boatos, parece ser a forma mais eficaz de atingir o seu alvo (e.g. Crick, Bigbee & Howes, 1996; Legato, 2009). Acrescenta-se igualmente que, excepcionalmente em relação aos agressores rapazes mais velhos, não se verificou uma diferença significativa no que diz respeito os restantes agentes de provocação. Todavia, segundo alguns estudos, ao contrário dos rapazes que agredem frequentemente vítimas do mesmo sexo, por sua vez, as raparigas agredem alguns rapazes, mas o seu alvo preferido de comportamentos indirectos é igualmente as raparigas (e.g. Boulton, 1996; Craig e Pepler, 1997). Por outro lado, noutras investigações anteriores foi reportado que os rapazes provocam rapazes e raparigas, mas as raparigas mais frequentemente provocam outras raparigas, utilizando formas mais subtis e indirectas de provocação (e.g. Olweus, 1993).

A título de aprofundar as dimensões do género e obesidade no *bullying*, os grupos de discussão e subsequente análise de conteúdo permitiram obter outros resultados relevantes para a compreensão deste tipo de comportamento. Ressalta-se a consensualidade entre os participantes no que se refere ao papel do género no *bullying*. A maioria revelou comportamentos mais discretos e indirectos por parte das raparigas, que por sua vez utilizam com mais frequência os insultos verbais. Já os rapazes foram descritos como desempenhando comportamentos directos e agressivos fisicamente. Este facto é justificado na literatura, como foi referido anteriormente. A mesma reporta que os rapazes utilizam a força física e os insultos verbais como forma de provocação e as

raparigas utilizam com mais frequência os rumores e formas subtis de provocação (e.g. Rubia, 2007; Seixas, 2009). Ademais, é interessante referir que sempre que os jovens admitiam que insultavam outros colegas ou amigos seus, afirmavam ser sempre “na brincadeira”, o que vai ao encontro de resultados de outras investigações anteriores, nos quais se evidenciou que muitos jovens pensam que gozar, chamar nomes e outras acções que envolvam a força física, são apenas brincadeiras (Shakeshaft, Mandel, Johnson, Sawyer, Hergenrother, & Barber, 1997). Estes dados salientam a importância da psico-educação e dos esforços preventivos nesta matéria, uma vez que a não-identificação do problema pode, por si, invalidar muito das intervenções escolares de redução de *bullying*.

Muitas pesquisas relatam a forte associação entre o género e a aparência física. De acordo com este aspecto, os jovens afirmaram existir uma diferença entre o sexo feminino e o masculino no que respeita a importância dada à aparência física/peso, sendo que as raparigas foram descritas como revelando dar uma importância superior à aparência, ao contrário dos rapazes, que pouca ou nenhuma dão. Justifica-se este facto por estudos anteriores que afirmam que as raparigas são mais estimuladas a valorizar a aparência física, sentindo mais necessidade de serem fisicamente mais atraentes do que os rapazes. Para além da aparência física ser um aspecto importante, a mesma deve corresponder à imagem que os meios de comunicação transmitem sobre a mulher. O adolescente compara-se com os outros ou segue um determinado padrão como referência, para se considerar como tendo por exemplo um corpo “atractivo” ou “não atractivo”, “socialmente desejável” ou “não desejável”, entre outros pensamentos (e.g. Rothblum, 1994; Jacob, 1994; Vasconcelos, 1995). Neste sentido, o excesso de peso pode se tornar num alvo saliente para o desenvolvimento de comportamentos de *bullying*. Os jovens entrevistados referiram que nunca experienciaram actos de provocação, nem nunca provocaram tendo em conta o seu peso ou o dos seus colegas da escola, com a excepção de apenas um jovem, que foi alvo de insultos verbais, nomeadamente, insultos como “balofó”. Reportam, ainda, que observaram alguns actos de provocação dirigidos aos seus colegas que apresentavam excesso de peso. Estes resultados não são de todo inesperados, sendo possível clarificá-los com base na teoria supracitada. É certo que as crianças são influenciadas por estereótipos associados a características físicas, interiorizando algumas das crenças negativas do estereótipo da obesidade e comportando-se, deste modo, de uma forma que provoca essas crenças. Parece, assim, existir uma interacção recíproca, na qual a aparência física dos jovens

pode eventualmente aumentar a probabilidade de episódios de *bullying* entre pares e, deste modo, causar problemas contínuos com o peso corporal. A vitimação dos jovens parece estar associada ao facto de os mesmos serem diferentes e apresentarem um desvio da aparência e dos ideais de elegância física (Kirpatrick & Sanders, 1978; Hartup, 1978; Hill & Paullin, 1998).

A aparência física e o peso, poderão apresentar mais desvantagens para as raparigas do que para os rapazes. As raparigas adolescentes obesas têm, geralmente, menos “encontros” e envolvimento em relações amorosas, já estas diferenças não são reportadas nos estatutos dos rapazes obesos (Pearce, 2002). Todavia, em certa parte, este facto não está em concordância com os nossos resultados. Especificamente, os jovens afirmaram não existir qualquer consequência a nível relacional e pessoal relacionada com o excesso de peso. Com excepção, uma minoria relatou que as raparigas com excesso de peso isolam-se e que os colegas que observaram ter sido provocados, ficaram mais tristes e igualmente isolaram-se, o que vai em acordo com a literatura mencionada. Em concordância com a mesma, crianças e adolescente obesos, submetidos a discriminação e a estereótipos negativos associados aos mesmos, demonstram uma fraca auto-estima e auto-imagem, que estão ligadas a solidão, tristeza, nervosismo e elevados comportamentos de risco (e.g. Staffieri, 1967; Hill & Silver, 1995; Tiggemann & Anesbury, 2000; Strauss, 2000).

Ainda no que se refere a provocações consoante o peso, acrescentamos que todos os jovens afirmaram não terem contado a nenhum adulto, o que pode ser explicado com base em factos enfatizados na teoria. Nomeadamente, a mesma refere que os motivos pelos quais os jovens não contam as provocações sofridas prendem-se com variadas razões, entre as quais as seguintes: o medo de sofrerem retaliação, terem vergonha por não conseguirem defender-se, medo de que não acreditem neles, não quererem preocupar os seus pais, pensarem que os conselhos dados pelos professores ou pais poderão piorar a situação, receio que os seus professores contem à pessoa que os provocou quem foi que se queixou e que achem que eles são uns “queixinhas” (e.g. Peterson & Rigby, 1999). Como forma de resolução para acabar com estas provocações, os jovens sugeriram, com maior frequência, a expulsão e a suspensão dos alunos envolvidos nestes actos de agressão física ou relacional.

Partindo destes relatos, surge o interesse em sugerirmos o desenvolvimento de novos programas de prevenção de *bullying*. A literatura geral sobre *bullying* é caracterizada pela pouca investigação no que se refere aos efeitos das intervenções que

têm como fim a prevenção deste fenómeno, todavia as intervenções em *bullying* parecem ser eficazes entre os diferentes grupos de provocadores e vítimas (por exemplo o Programa de Prevenção de *Bullying* de Olweus). Neste sentido, consideramos relevante que sejam desenvolvidas investigações relativas a intervenções preventivas com jovens com excesso de peso. Nestes programas parece ser importante focar a intervenção na família e escola, sendo que, com base em pesquisas anteriores, as crianças que foram identificadas como provocadores relataram que recebiam castigos físicos em suas casas, outras recebiam atenção emocional positiva e outros relataram uma inconsistência na disciplina e supervisão dada pelos seus encarregados de discussão (e.g. Olweus, 1993; Oliver, Oaks, & Hoover, 1994; Shields & Cicchetti, 2001; Espelage & Swearer, 2004). Desta forma, estes estudos evidenciam que o *bullying* pode estar ligado a problemas familiares.

O presente estudo exploratório contribuiu, assim, para uma compreensão mais alargada da dinâmica do *bullying*, com base nas dimensões de género e obesidade. Embora tenha revelado uma contribuição para a clarificação de diversos aspectos relacionados com esta temática tão relevante nos dias de hoje, o mesmo comporta um conjunto de limitações. Primeiramente, podemos referir o reduzido número de participantes, que deste modo pode ter comprometido o nível de significância estatística das análises de dados, bem como, uma compreensão precisa da sua discussão. Não obstante, a saber que este trabalho tem um carácter denominadamente exploratório, que ao que consta, existe um número muito reduzido de estudos neste âmbito em Portugal, e os que existem, de exemplo nos Estados Unidos, são igualmente inconclusivos.

Outra limitação a referir é a subjectividade subjacente à metodologia qualitativa e análise de conteúdo. Embora seja evidente a sua contribuição na obtenção de indicadores que permitem fazer inferências de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mesmas (Bardin, 1989), é de se notar que a avaliação dos dados obtidos através dos focus de grupos depende da forma como o avaliador os analisa. Adicionalmente, referimos que a precisão da análise qualitativa poderia ter sido melhorada através de uma análise por dois júixes independentes, e conseqüente acordo inter-juízos. Referindo-nos à condução do focus de grupo, podemos ainda apontar uma outra limitação relacionada com a inexistência de um moderador. Acrescentamos ainda, que interessando-nos o *bullying* tendo em conta a dimensão da obesidade, deveríamos ter medido o índice de massa corporal como estudos anteriores neste âmbito o fizeram (e.g. (Janssen, Craig, Boyce & Pickett, 2004). Para além disso, mesmo sendo o alvo da

nossa investigação os jovens, podemos admitir que se tornou uma limitação para a obtenção dos dados. Consideramos que é mais difícil realizar focus de grupo com jovens por razões que igualmente foram apontadas na literatura (e.g. Lewis, 1992; Kitzinger, 1994). A exemplo, referimos como mais evidenciado o facto de os jovens por vezes preferirem adoptar as ideias dos outros jovens do que revelar a sua opinião; relativamente a assuntos mais sensíveis não se sentem confortáveis para partilhar com todo o grupo; e por terem receio de sofrer retaliações. Para além disso a selecção dos nossos participantes não foi feita com base no seu peso, mas apenas com base no género, tendo havido apenas um grupo de rapazes, contra dois de raparigas.

De acordo com estes e outros aspectos, consideramos relevante dar sugestões para o contorno destas limitações em estudos futuros. Em primeiro lugar, é importante que a amostra utilizada seja alargada, por forma a não comprometer o nível de significância dos dados estatísticos e por sua vez a compreensão exacta dos mesmos. Seguidamente sugerimos, de forma a contornar os obstáculos evidenciados pelos focus de grupo, que sejam seleccionados jovens identificados a priori, junto de entidades competentes, como agressores ou vítimas de situações de *bullying*. Achamos que deste modo não surgiram receios de retaliação ou de partilha das suas opiniões, uma vez que já é do conhecimento o seu envolvimento nesta problemática. Propomos também, a realização de grupos focais com os pais ou encarregados de educação desses jovens previamente identificados como vítimas e/ou agressores. Para além disso, sugerimos igualmente a realização de grupos mistos, rapazes e raparigas, para observar a interacção de ideias e oposições no que concerne esta dimensão. Sugerimos, ainda, a realização de grupos focais de jovens com excesso de peso, medindo o seu ICM e realizar outros grupos de jovens com peso normativo, a fim de comparar os dados obtidos pelos dois grupos. Poderão também ser feitos grupos mistos, de jovens obesos e jovens de peso normal, de maneira a analisar a interacção entre os mesmos, e a influência do confronto nos estereótipos e na partilha de situações que envolvam *bullying* em relação ao peso.

Achamos interessante propor, ainda, a comparação de jovens de escolas públicas e privadas ou mesmo de instituições sociais, para perceber a influência do contexto cultural nas dimensões abordadas. Igualmente, sugerimos a utilização de amostras de crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 10, comparando-as com amostras de jovens dos 11 aos 15. Sabemos desde já que o *bullying* diminui com a idade, e por essa razão achamos relevante averiguar as diferenças entre estes dois grupos de idades, tendo

em conta a evolução dos tipos de comportamentos de provocação utilizados em relação ao peso.

### **Conclusão**

O nosso estudo exploratório contribuiu para clarificar alguns aspectos envolvidos num fenómeno tão complexo que é o *bullying*. Especificamente, no que se refere ao género, são claras as diferenças de tipo de comportamento provocativo entre rapazes e raparigas. O que parece não ser tão evidente é o *bullying* em relação ao peso. Segundo os resultados obtidos, este existe apenas excepcionalmente e sempre associado à ideia da brincadeira. Contudo é clara a maior importância dada à aparência física por parte das raparigas.

Partindo deste estudo e de outros realizados anteriormente, constatamos que, efectivamente, o *bullying* tem sido um fenómeno muito presente no âmbito escolar e largamente investigado em diferentes dimensões, mas o que é facto é que existe ainda um longo caminho a percorrer. Apesar de ser do conhecimento da sociedade em geral que este tipo de comportamento é cada vez mais proeminente, ainda assim continua a ser um tema *tabu*. Os jovens envolvidos em situações deste carácter temem admitir ou contar a pessoas adultas, que de facto provocaram alguém ou foram vítimas deste tipo de provocações. Os provocadores receiam a retaliação, as punições físicas por parte dos encarregados de educação ou mesmo as punições no contexto escolar. Por outro lado, as vítimas encontram-se receosas de partilhar as suas angústias com alguém por terem vergonha, por receio de que ninguém acredite nelas ou mesmo que a situação piore se o fizerem. Em associação a estes factos, estão as reacções parentais ou dos encarregados de educação, que muitas vezes não se apercebem do envolvimento dos jovens nestas situações, não têm as reacções mais adequadas ou simplesmente não sabem como agir.

A um nível prático, consideramos relevante propor algumas medidas que permitam de algum modo a prevenção ou a adopção de estratégias para lidar com situações de *bullying*, envolvendo a escola (local onde passam maior parte do seu tempo), os pais ou encarregados de educação. Deste modo, procurando intervir nos vários sistemas que envolvem os jovens, sugerimos que sejam criados grupos de apoio para os jovens, e até mesmo dirigidos aos pais ou encarregados de educação, nos quais sejam desenvolvidas estratégias para lidar com situações de vitimação ou agressão. Propomos igualmente a realização de seminários periódicos nos quais sejam clarificados os aspectos inerentes a este comportamento anti-normativo, e que ao mesmo tempo envolvam sessões que

permitam fomentar o contacto com este tipo de situações. Nomeadamente, a apresentação de filmes ou imagens que sensibilizem e promovam a reflexão dos jovens no que concerne este fenómeno. Acrescentamos ainda a sugestão para intervenção com os jovens envolvidos em *bullying*, quer como vítima, quer como agressor, para que sejam incentivados a desenvolver em conjunto projectos ou outras actividades. Segundo a Teoria do Contacto (Allport, 1954), uma das abordagens mais amplamente utilizadas no estudo dos pares, o contacto, tendo em conta certos factores, pode diminuir o preconceito e os estereótipos. Experiências planeadas de interacção e um ambiente organizado com precisão promovem atitudes positivas (Horne, 1985; Jones, 1984; Sherrill, 1998).

## 6. Referências

- Almeida, A. (1999). Portugal. In P. K. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano & P. Slee (Eds.), *The nature of school bullying: a cross-national perspective*. London: Routledge.
- Almeida, A., Pereira, B. & Valente, L. (1995). A violência infantil nos espaços escolares: dados preliminares de um estudo no 1º e 2º ciclos do ensino básico. In L. Almeida & I. Ribeiro (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, 2, 225-262. Braga: APPORT.
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Garden City, NY: Anchor.
- Amado, J., & Freire, I. (2002). *Indisciplina e violência na escola - Compreender para prevenir*. Porto: Edições ASA.
- American Psychological Association (2002). Ethical Principles of Psychologists and Code of Conduct. *American Psychologist*, 57, 1060-1073.
- Andreou, E. & Metallidou, P. (2004). The relationship of academic and social cognition to behaviour in bullying situations among Greek primary school children. *Educational Psychology*, 24 (1), 27-41.
- Arnette, J., Walsleben, M. (1998). *Combating fear and restoring safety in schools*. Retirado da World Wide Web: [www.tyc.state.tx.us](http://www.tyc.state.tx.us).
- Bardin, L. (1989). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Baron-Cohen, S. (2004). *The essential difference*. London: Penguin Books.
- Batsche, G.M., & Knoff, H.M. (1994). *Bullies and their victims understanding a pervasive problem in the schools*. Retirado da World Wide Web: [ector.colorado.edu](http://ector.colorado.edu).
- Bearman, S., Presnell, K., Martinez, E., & Stice, E. (2006). The skinny on Body Dissatisfaction: A longitudinal Study of Adolescents Girls and Boys. *Journal of Youth and Adolescence*, 35(2), 229-241.
- Beck, G. (1995). *Bullying among young offenders in custody*. Retirado do PsycLIT: Bullying and Delinquency.
- Becker, H.S. (1994). *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. Tradução de Marco Estêvão (3ª edição). São Paulo: Editora Hucitec.
- Bento, J. (2004). Desporto para Crianças e Jovens: das causas e dos fins. In A. Gaya, A. Marques & G. Tani (Eds.), *Desporto para Crianças e Jovens: razões e finalidades* (pp.21-56). Porto Alegre: UFRGS Editora.
- Bjorkqvist, K. (1994). Sex differences in physical, verbal, and indirect aggression: A review of recent research. *Sex Roles*, 30 (314), 177-188.

- Bjoerkvist, K., Lagerspetz, K.M.J, & Kankianen, A. (1992). Do girls manipulate and boys fight? Developmental trends in regard to direct and indirect aggression. *Aggressive behavior, 18*, 117-127.
- Blakemore, S.J. & Frith, U. (2009). *O cérebro que aprende*. Lisboa: Gradiva.
- Bosworth, K., Espelage, D., & Simon, T. (1999). Factors associated with bullying behavior in middle school students. *Journal of Early Adolescence, 19*(3), 341-362.
- Boulton, M. (1996). Bullying in mixed sex groups of children. *Educational Psychology, 16* (4), 439-443.
- Boulton, M.J., & Smith, P.K. (1994). *Bully victim problems in middle-school children: stability, self-perceived competence, peer perceptions and peer acceptance*. Retirado da World Wide Web: [ector.colorado.edu](http://ector.colorado.edu).
- Boulton, M., & Underwood, K. (1992). Bully/victim problems among middle school children. *British Journal of Educational Psychology, 62*, 73-87.
- Braconnier, A. (1998). *O sexo das emoções*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Brenner, J. B., & Cunningham, J. (1992). Gender differences in eating attitudes, body concept, and self-esteem among models. *Sex Roles, 27*, 413-437.
- Brizendine, L. (2007). *O cérebro feminino*. Lisboa: Alêtheia Editores.
- Bruchon-Schweitzer, M. (1990). *Une psychologie du corps*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Bullock, J. (2002). Bullying among children. *Childhood Education, 78* (3), 130-133.
- Cameron, E., & Ferraro, R. (2004). Body Satisfaction in College Women after Brief Exposure to Magazine Images. *Perceptual and Motor Skills, 98*(3), 1093-1099.
- Carreiras, H. (2008). *Análise de Conteúdo – Acetatos da aula de 9 de Maio*. Manuscrito não publicado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.
- Carvalhosa, S. F. (2005). *Bullying entre pares: Os comportamentos de provocação nas escolas portuguesas*. Retirado de <http://fs-morente.filos.ucm.es/Publicaciones/Iberpsicologia/Iberpsicologia.htm>.
- Carvalhosa, S. F. (2008). *Prevention of bullying in schools: An ecological model*. Bergen: University of Bergen, Norway.
- Carvalhosa, S., & Matos, M. (2004). *Bullying in schools: what's going on?* Paper presented at the 9<sup>th</sup> Biennial Conference of EARA, Porto.
- Carvalhosa, S., & Matos, M. (2005). Provocação entre pares em idade escolar. In M. Matos (ed.). *Comunicação, gestão de conflitos e saúde na escola* (3<sup>a</sup> ed.). Cruz Quebrada: FMH Edições.

- Carvalhosa, S.F., Lima, L. & Matos, M.G. (2001). Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4 (19), 523-537.
- Carvalhosa, S. F., Moleiro, C. & Sales, C. (2009). A situação do bullying nas escolas portuguesas. *Interações*, 13, 125-146.
- Cash, T., & Brown, T. (1989). Gender and Body Images: Stereotypes and Realities. *Sex Roles*, 21(5/6), 361.
- Cash, T., & Green, G. (1986). Body weight and body image among college women: perception, cognition, and affect. *Journal of Personality Assessment*, 50(2), 290-301.
- Cash, T., Wood, K., Phelps, K., & Boyd, K. (1991). New assessments of weight-related body image derived from extant instruments. *Perceptual and Motor Skills*, 73(1), 235-241.
- Cataneo, C., Carvalho, A., & Galindo, E. (2005). Obesidade e Aspectos Psicológicos: Maturidade Emocional, Auto-conceito, Locus de Controle e Ansiedade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(1), 39-46
- Cleave, J.V. & Davis, M.M. (2006). Bullying and Peer Victimization Among Children With Special Health Care Needs. *Pediatrics*, 118, 2005-3034.
- Coie, J., Dodge, K., Terry, R. & Wright, V. (1991). The role of aggression in peer relations: An analysis of aggression episodes in boy's play groups. *Child Development*, 62 (4), 812-826.
- Correia, J. (2003). *Percepção, Satisfação com a Imagem Corporal e Auto-Estima. Estudo comparativo com idosos de ambos os sexos praticantes e não praticantes de actividade física*. Manuscrito não Publicado, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto.
- Craig, W. (1998). The relationship among bullying, victimization, depression, anxiety, and aggression in elementary school children. *Personality and Individual Differences*, 24, 123-130.
- Craig, W. & Pepler, D. (1995). Peer processes in bullying and victimization: an observational study. *Exceptionality Education Canada*, 5(3 & 4), 81-95.
- Craig, W. & Pepler, D. (1997). Observations of bullying and victimization in the school yard. *Canadian Journal of School Psychology*, 13(2), 41-59.
- Crick, N.R. (1995). Relational aggression: The role of intent attributions, feelings of distress, and provocation type. *Development and Psychopathology*, 7, 313-322.
- Crick, N.R., Bigbee, M.A., & Howes (1996). Gender differences in children's normative beliefs about aggression: How do I hurt thee? Let me count the ways. *Child Development*, 67, 1003-1014.
- Crick, N., Casas, J. & Ku, H. (1999). Relational and physical forms of peer victimization in preschool. *Developmental Psychology*, 35(2), 376-385.

- Crick, N.R., & Grotpeter, J.K. (1995). Relational aggression, gender, and social psychological adjustment. *Child Development*, 66, 710-722.
- Currie, C., Smith, R., Boyce, W., & Smith, R. (2001). *HBSC, a WHO cross national study: Research protocol for the 2001/2002 survey*. Copenhagen: World Health Organization.
- Curtner-Smith, M. (2000). Mechanisms by which family processes contribute to school-age boy's bullying. *Child Study Journal*, 30 (3), 169-186.
- Deaux, K., & Lewis, L. L. (1984). Structure of gender stereotypes: Interrelationships among components and gender label. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(5), 991-1004.
- Department for Education (1994). *Bullying: don't suffer in silence. An antibullying pack for schools*. London: Trentham Books Limited.
- Dodge, K. (1983). Behavioral antecedents of peer social status. *Child Development*, 54 (6), 1386-1399.
- Eisenberg, M.E., Neumark-Sztainer, D., & Story, M. (2003). Associations of weight-based teasing and emotional well-being among adolescents. *Arch Pediatr Adolesc Med*, 157, 733-738.
- Eliot, L. (2009). *Pink brain, blue brain: How small differences grow into troublesome gaps and what we can do about it*. New York: Houghton Mifflin Harcourt.
- Espelage, D. L., & Swearer, S. M. (2004). *Bullying in American schools: A social-ecological perspective on prevention and intervention*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Faith, M.s., Leone, M.A., Ayers, T.S., Moonseong, H., Pietrobelli, A. (2002). Weight criticism during physical activity, coping skills, and reported physical activity in children. *Pediatrics*, 110, e23.
- Farrington, D.P. (2002). "Factores de risco para a violência juvenil". In E. Debarbieux, C. Blaya (Orgs.), *Violência nas escolas e políticas públicas* (pp.25-75). Brasília: UNESCO.
- Feiring, C., & Furman, W.C. (2000). When love is just a four-letter word: Victimization and romantic relationships in adolescence. *Child Maltreatment*, 5, 293-298.
- Fernandez, I. (1998). *Prevención de la Violência y Resolución de Conflictos. El Clima Escolar como Factor de Calidad*. Madrid: Narcea, S.A. Ediciones.
- Fisher, G. (1992). *A Dinâmica Social. Violência, Poder, Mudança*. Lisboa: Planeta Editora, Lda.
- Formosinho, M. & Simões, M. (2001). O Bullying na Escola: Prevalência, contextos e efeitos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXV(2), 65-82.

- Formosinho, M., Taborda, M. C. & Fonseca, A. (2008). Bullying in adolescence: data from Portuguese school. In R. Astor, E. Debardeux & C. Neto (Eds.), *4th World Conference on Violence in School and Public Policies* (pp. 33). Lisboa: Edições.
- Geckova, A., Pudelsky, M., & Tuinstra, J. (2000). Peer contacts, social network, and social support from adolescents point of view. *Psychológia a Patopsychológia Dietata*, 35, 121-136.
- Gilligan, C. (1982). *In a different voice: Psychological Theory and Women's development*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Gini, G. (2006). Bullying as a social process: The role of group membership in students' perception of inter-group aggression at school. *Journal of School Psychology*, 44, 51-65.
- Greenbaum, S., Turner, B., & Stephens, R. (1988). *Set straight and bullies*. Retirado em 22 de Janeiro de 2010 da World Wide Web: [ector.colorado.edu](http://ector.colorado.edu).
- Gonçalves, S. & Matos, M.G. (2007). Bullying in Schools: Predictors and Profiles. Results of the Portuguese Health Behaviour in School-aged Children Survey. *International Journal of Violence and School*, 4, 91-108.
- Gurian, M. (2001). *Boys and girls learn differently*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Harper, D.C., Wacker, D.P., & Cobb, L.S. (1986). Children's Social Preferences Toward Peers with Visible Physical Differences. *Journal of Pediatric Psychology*, 11, 323-342.
- Harrison, K. (1997). Does Interpersonal Attraction to Thin Media Personalities Promote Eating Disorders? *Journal of Broadcasting & Electronic Media/Fall*, 41, 478-500.
- Hartup, W.W. (1978). Children and their friends. In H. McGurk (Ed), *Child Social Development London*. United Kingdom: Methuen.
- Hazler, H. (1996). *Breaking the Cycle of Violence. Interventions for Bullying and Victimization*. Washington, DC: Accelerated Development.
- Hill, A.J., & Pallin, V. (1998). Dieting awareness and low self-worth: related issues in 8-year old girls. *International Journal of Eating Disorders*, 24, 405-413.
- Hill, A., & Silver, E. (1995). Fat, friendless and unhealthy: 9-year old children's perception of body shape stereotypes. *International Journal of Obesity*, 19 (6), 423-430.
- Horne, M.D. (1985). *Attitudes Toward Handicapped Students: Professional, Peer and Parent Reactions*. New York: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hunt, R. & Jensen, J. (2007). *The experiences of young gay people in Britain's schools*. Retirado de [http://www.stonewall.org.uk/at\\_school/education\\_for\\_all/quick\\_links/education\\_resources/4004.asp](http://www.stonewall.org.uk/at_school/education_for_all/quick_links/education_resources/4004.asp).

- Jacob, J. (1994). A Imagem corporal e os factores socioculturais, performance motora e sexo. *Horizonte*, 10 (60), 211-217.
- Janssen, I., Craig, W.M., Boyce, W.F. & Pickett, W., (2004). Associations Between Overweight and Obesity With Bullying Behaviors in School-Aged Children. *Pediatrics*, 113, 1187-1194.
- Jones, R. L. (1984). *Attitudes and attitude change in special education: Theory and practice*. Reston, VA: The Council for Exceptional Children. (ERIC Document Reproduction Service No. ED 249 694).
- Juvonen, J., Graham, S., & Schuster, M.A. (2003). Bullying among young adolescents: The strong, the weak, and the troubled. *Pediatrics*, 112, 1231-1237.
- Juvonen, J., Gross, E.F. (2008). Extending the School Grounds?- Bullying Experiences in Cyberspace. *Journal of School Health*, 78, 496-505.
- Kaltiala-Heino, R., Rimpelä, M., Marttunen, M., Rimpelä, A., & Rantanen, P. (1999). Bullying, depression, and suicidal ideation in Finnish adolescents: school survey. *British Medical Journal*, 319, 348-351.
- Killion, L., Rodriguez, A., Rawlins, S., Miguez, A., & Soledad, K. (2003). Relation Between Body Image Satisfaction and Body Mass Index in a College Population. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 74, A-64.
- Kindlon, D. & Thompson, M. (2000). *Criando Caim. Proteger a vida emocional dos rapazes*. Porto: Ambar.
- Kirkpatrick, S.W., Sanders, D.M. (1978). Body image stereotypes: a developmental comparison. *Journal of Genetic Psychology*, 132, 87-95.
- Kitzinger, J. (1994). The methodology of focus groups: The importance of interaction between research participants. *Sociology of Health and Illness*, 16, 103-121.
- Koleck, M., Bruchon-Schweitzer, M., Cousson-Gélie, F., Gilliard, J., & Quintard, B. (2002). The Body Questionnaire: an extension. *Perceptual and Motor Skills*, 94, 189-196.
- Kosciw, J.G., Greytak, E.A., & Diaz, E.M. (2009). Who, What, Where, When, and Why: Demographic and Ecological Factors Contributing to Hostile School Climate for Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Youth. *Journal Youth Adolescent*, 38, 976-988.
- Krahé, B. (2001). *The Social Psychology of Agression*. USA: Psychology Press.
- Krippendorff, K. (2004). *Content Analysis. An Introduction to its Methodology*. London: Sage.
- Lakatos, E.M. & Marconi, M.A. (1996). *Técnicas de pesquisa* (3ª edição). São Paulo: Editora Atlas.

- Leckie, B. (1997). *Girls, bullying behaviours and peer relationships: the double edged sword of exclusion and rejection*. Retirado de <http://www.aare.edu.au/97pap/leckb284.htm>.
- Legato, M. (2009). *Porque morrem os homens primeiro?* Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Lewis, A. (1992). Group child interviews as a research tool. *British Educational Research Journal*, 18, 413-421.
- LeVay, S. (1999). *Sexualidade e cérebro*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Maccoby, E.E. (2000). Perspectives on gender development. *International Journal of Behavioral Development*, 24, 398-406.
- Markey, C., & Markey, P. (2005). Reactions Between Body Image and Dieting Behaviours. An Examination of Gender Differences. *Sex Roles*, 53 (7-8), 519-530.
- Matos, M.G. & Equipa do projecto Aventura Social (2001). *A Saúde dos Adolescentes Portugueses*, Lisboa: CDI/ FMH/UTL.
- Matos, M. G., & Equipa do Projecto Aventura Social. (2003). *A saúde dos adolescentes portugueses (Quatro anos depois)*. Lisboa: Edições FMH.
- Matos, M.G. & Gonçalves, S. (in press). Bullying nas escolas: Comportamentos e Percepções. *Revista Psicologia, Saúde & Doenças*.
- Matos, M.G., Simões, C., Gaspar, T. & Equipa do Projecto Aventura Social (2009). Violência entre pares no contexto escolar em Portugal, nos últimos 10 anos. *Interacções*, 13, 98-124.
- Matos, M. G., Simões, C., Tomé, G., Gaspar, T., Camacho, I., Diniz, J. A., et al. (2006). *A saúde dos adolescentes portugueses: Hoje em 8 anos*. Retirado de <http://www.fmh.utl.pt/aventurasocial/pdf/191206/nacional.pdf>.
- McPherson, K., & Turnbull, J. (2005). Body Image Satisfaction in Scottish Men and Its Implications for Promoting Healthy Behaviors. *International Journal of Men's Health*, 4 (1), 3-12.
- Mellor, A. (1990). Bullying in Scottish secondary schools. Retirado da World Wide Web: [www.scre.ac.uk](http://www.scre.ac.uk).
- Mellor, A. (1993). *Finding out about bullying*. Retirado da World Wide Web: [www.scre.ac.uk](http://www.scre.ac.uk).
- Milich, R., & Landau, S.A. (1984). Comparison of the social status and social behavior of aggressive and aggressive-withdrawn boys. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 12, 277-288.
- Millward, L.J. (2002). Focus Group. In Breakwell, G.M. (Ed.), Hammond, S. (Ed.), & Fife-Schaw, C. (Ed.), *Research methods in Psychology* (pp. 303-324). London: Sage Publications.

- Minayo, M.C.S. (org) (1996). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 6<sup>a</sup> Edição. Petrópolis: Editora Vozes.
- Moraes, R. (1999). Análise de Conteúdo. *Revista Educação*, 22, 7-32.
- Nansel, T.R., Craig, W., Overpeck, M.D., Saluja, G., Ruan, W.J., & the Health Behaviour in School-Aged Children Bullying Analyses Working Group (2004). Cross-national consistency in the relationship between bullying behaviors and psychosocial adjustment. *Archives of Pediatrics and Adolescents Medicine*, 158, 730-736.
- Nansel, T.R., Overpeck, M.D., Pilla, R.S., Ruan, W.J., Simons-Morton, B., & Scheidt, P. (2001). Bullying behaviors among US youth: Prevalence and association with psychosocial adjustment. *Journal of the American Medical Association*, 285, 2094-2100.
- Newman, C.S.R., Ribeiro, J.L.D. (2002). *Estudos Qualitativos com o Apoio de Grupos Focados*. Porto Alegre: FEENG.
- Novo, C. (2009). Bullying e as Tecnologias da Comunicação: do uso ao abuso. *Interacções*, 13, 327-337.
- Ogden, C.L., Flegal, K.M., Carroll, M.D., & Johnson, C.L. (2002). Prevalence and trends in overweight among US children and adolescents, 1999-2000. *Journal of American Medical Association*, 288, 1728-1732.
- Oliver, R., Oaks, I. N., & Hoover, J. H. (1994). Family issues and interventions in bully and victim relationships. *School Counselor*, 41, 199-202.
- Olweus, D. (1978). *Aggression in the schools: Bullies and whipping boys*. Washington: Hemisphere.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school*. Cambridge: Blackwell.
- Olweus, D. (1994). Annotation: bullying at school: Basic facts and effects of a school based intervention program. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35, 1171-1190.
- Olweus, D. (1998). *Conductas de Acoso y Ameaza entre Escolares*. Madrid: Ediciones Morata, S.L.
- Olweus, D. (1999). Europe – Scandinava – Sweden. In: Smith PK, Morita Y, Junger-Tas J, Olweus D, Catalano R, Slee P. (eds), *The nature of school bullying: a cross-natural perspective*. London: Routledge.
- Olweus, D., & Limber, S. (2002). *Bullying prevention program*. Boulder. University of Colorado at Boulder: CO- Center for the Study and Prevention of Violence, Institute of Behavioral Science.
- Owens, L., Shute, R. & Slee, P. (2000). “Guess what I just heard!”: Indirect aggression among teenage girls in Australia. *Aggressive Behavior*, 26(1), 67-83.

- Owens, L., Slee, P. & Shute, R. (2000). "It hurts of a lot...": The effects of indirect aggression on teenage girls. *School Psychology International*, 21 (4), 359-376.
- Pearce, M.J., Boergers, J., & Prinstein, M.J. (2002). Adolescent obesity, overt and relational peer victimization, and romantic relationships. *Obesity Research*, 10, 386-393.
- Pereira, B. (1997). *Estudo e prevenção do Bullying no contexto escolar: os recreios e as práticas agressivas da criança*. Manuscrito não publicado, Universidade do Minho, Minho.
- Pereira, B. (2002). *Para uma escola sem violência: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Pereira, B. (2008). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia.
- Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L. & Smith, P. (2004). Bullying in Portuguese schools. *School Psychology International*, 25(2), 241-254.
- Pereira, B., Silva, M.I., & Nunes, B. (2009). Descrever o Bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Revista Diálogo Educação*, 9, 455-466.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para Ciências Sociais: A complementariedade do SPSS (4ª edição, revista e aumentada)*. Lisboa: Sílabo.
- Peters, R., & McMahon, R. (Eds.) (1996). *Preventing childhood disorders, substance abuse, and delinquency*. London: Sage Publications.
- Peterson, A.C., & Rigby, K. (1999). Countering bullying at an Australian secondary school with students as helpers. *J Adolescence*, 22, 481-492.
- Pink, D. (2009). *A nova inteligência. Treinar o lado direito do cérebro é o novo caminho para o sucesso*. Alfragide: Academia do livro.
- Poteat, V.P., & Espeleage, D.L. (2005). Exploring the Relation Between Bullying and Homophobic Verbal Content: The Homophobic Content Agent Target (HCAT) Scale. *Violence and Victims*, 20, 513-528.
- Prentice, A. M. (1997). Obesity: the inevitable penalty of civilization? *British Medical Bulletin*, 53, 229-237.
- Programa Escola Segura. (2006). *Relatório de Actividades do Programa "Escola Segura" - Ano Lectivo 2005/2006*. Lisboa: Ministério da Administração Interna.
- Programa Escola Segura (2009). *Relatório de Actividades do Programa "Escola Segura" - Relatório Anual do Ano Lectivo 2008/2009*. Ministério da Administração Interna.

- Randall, P. (1996). *A Community Approach to Bullying*. Stoke-on-Trent: Trentham Books.
- Rivers, I., & Smith, P.K. (1994). Types of bullying behavior and their correlates. *Aggressive Behavior*, 20, 359-368.
- Rothblum, E. D. (1994). 'I only read about myself on bathroom walls': The need for research on the mental health of lesbians and gay men. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 62, 213-220.
- Rubia, F. (2007). *El sexo del cerebro*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy.
- Salmivalli, C., Huttunen, A. & Lagerspetz, K. (1997). Peer networks and bullying in schools. *Scandinavian Journal of Psychology*, 38, 305-312.
- Salmivalli, C., Lagerspetz, K., Bjorkqvist, K., Osterman, K., & Kaukiainen, A. (1996). Bullying as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group. *Aggressive Behavior*, 22, 1-15.
- Sampaio, H. (2008). *Vitimação escolar*. Manuscrito não publicado. Lisboa: APAV.
- Schwartz, M. B. & Brownell, K. D. (2004). Obesity and body image. *Body Image*, 1, 43-56.
- Schwartz, D., Doge, K., Pettit, G. & Bates, J. (1997). The early socialization of aggressive victims of bullying. *Child Development*, 68 (4), 665-675.
- Seixas, S. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, XXIII (2), 97-110.
- Seixas, S. (2009). Diferenças de Género nos Comportamentos de Bullying: Contributos da Neurobiologia. *Interações*, 13, 63-97.
- Shakeshaft, C., Mandel, L., Johnson, Y. M., Sawyer, J., Hergenrother, M. A., & Barber, E. (1997). Boys call me cow. *Educational Leadership*, 55(2), 22-25.
- Sharp, S., & Thompson, D. (1992). Sources of Stress A Contrast between Pupil Perspective and Pastoral Teachers' Perceptions. *School Psychology International*, 13, 229-242.
- Sherrill, C. (1998). *Adapted Physical Activity, Recreation and Sport: Cross Disciplinary and lifespan*. New York: McGraw Hill.
- Shields, A. & Cicchetti, D. (2001). Parental maltreatment and emotion dysregulation as risk factors for bullying and victimization in middle childhood. *Journal of Clinical Child Psychology*, 30, 349-363.
- Shih, M.Y., Kubo, C. (2005). Body shape preference and body satisfaction in Taiwanese college students. *Psychiatry Research*, 133, 263-271.
- Simmons, R. (2002). *Odd girl out: The hidden Culture of aggression in girls*. New York: Harcourt.

- Smith, P.K. (1991). The silent nightmare: Bullying and victimization in school peer groups. *The Psychologist: Bulletin of the British Psychological Society*, 4, 243-248.
- Smith, P.K. (1997). Bullying in schools: the UK experience and the Sheffield Anti-Bullying Project. *Irish Journal of Psychology*, 18, 191-201.
- Smith, P.K. (2003). *Violence in schools: The response in Europe*. London: Routledge Falmer.
- Smith, P. K., Morita, Y., Junger-Tas, J., Olweus, D., Catalano, R., & Slee, P. (Eds.) (1999). *The nature of school bullying: A crossnational perspective*. London & New York: Routledge.
- Smith, P.K., Sharp, S. (1994). *School Bullying: insights and perspectives*. London: Routledge.
- Smith, P. K., & Sharp, S. (Eds.) (1995). *School bullying. Insights and perspectives*. London: Routledge.
- Smolak, L. (2003). Body image in children and adolescents: where do we go from here? *Pediatrics*, 1(1), 15-28.
- Staffieri, J. (1967). A study of social stereotype of body image in children. *Journal of personality and social psychology*, 7 (1), 101-104.
- Storch, E.A., & Masia-Warner, C. (2004). The relationship of peer victimization to social anxiety and loneliness in adolescent females. *Journal of Adolescence*, 27, 351-362.
- Storch, E. A., Milsom, V. A., DeBraganza, N., Lewin, A. B., Geffken, G. R., & Silverstein, J. H. (2007). Peer victimization, psychosocial adjustment, and physical activity in obese and at-risk-for-obese youth. *Journal of Pediatric Psychology*, 32, 80 – 89.
- Strauss, R. (2000). Childhood Obesity and Self-Esteeme. *Pediatrics*, 105 (1), 1-5.
- Strauss, R.S., & Pollack, H.A. (2003). Social marginalization of overweight children. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 157, 746-752.
- Sudermann, M., Jaffe, P., & Schick, E. (2000). *Bullying information*. Retirado da World Wide Web: [www.yrbe.edu.on.ca](http://www.yrbe.edu.on.ca).
- Sullivan, K. (2000). *The anti-bullying handbook*. Oxford University Press: Auckland.
- Sweeting, H., Wright, C., & Minnis, H. (2005). Psychosocial correlates of adolescent obesity, “slimming down” and “becoming obese”. *Journal of Adolescent Health*, 37, 409.e9-409.e17.
- Tiggemann, M., & Anesbury, T. (2000). Negative stereotyping of obesity in children: the role of controllability beliefs. *Journal of Applied Social Psychology*, 30 (9), 1977-1993.

- Tolle, E. (2006). *Um Novo Mundo: Despertar para a Essência da vida*. Cascais: Editora Pergaminho.
- Vasconcelos, M.O.F. (1995). *A imagem corporal no período peripubertário. Comparação de três grupos étnicos numa perspectiva biocultural*. Manuscrito não Publicado, Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto, Porto.
- Vieira, C.C. (2007). *Educação Familiar. Estratégias para a Promoção da Igualdade do Género* (3-126). Coimbra: Universidade de Coimbra, NAPFA.
- Wardle, J. (2005). Understanding the aetiology of childhood obesity: implications for treatment. *Proceedings of the Nutrition Society*, 64, 73-79.
- Wardle, J., & Cooke, L. (2005). The impact of obesity on psychological well-being. *Best Practice & Research Clinical Endocrinology & Metabolism*, 19 (3), 421-440.
- Whitney, I., & Smith, P.K. (1993). *A survey of the nature and extent of bullying in junior middle and secondary schools*. Retirado da World Widw Web: [www.ector.colorado.edu](http://www.ector.colorado.edu).
- Williams, H. (1983). *Perceptual and motor development*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- Wolke, D., & Stanford, K. (1999). Bullying in school children. In D. Messer, S. Millar (eds.), *Developmental psychology*. Londres: Arnold.
- Wolke, D., Woods, S., Bloomfield, L. (2000). The association between direct and relational bullying and behavior problems among primary school children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 41, 989-1002.
- Wolke, D., Woods, S., Schulz, H., & Stanford, K. (2001). Bullying and victimisation of primary school children in South England and South Germany: Prevalence and school factors. *British Journal of Psychology*, 92, 673– 696.

## 7. Anexos

### Anexo A: Pedido de autorização para realização do estudo.



À

Exma. Sr. Coordenadora do Projecto de  
Inclusão Social de Crianças e Jovens do  
Armador,  
Dra. Kátia Ibraímo

Lisboa, 12 de Maio de 2010

**Assunto:** Pedido de Autorização para Estudo Descritivo com Questionários e Entrevistas em pequenos grupos

Exma. Sra. Coordenadora,

Como aluna do 2º ano do Mestrado em Psicologia Social e das Organizações, no ISCTE-IUL, encontro-me actualmente a realizar a minha tese, sob a orientação da Professora Doutora Carla Moleiro, e o estágio curricular no Projecto de Inclusão Social de Crianças e Jovens do Armador (PISCJA).

Deste modo, venho por este meio solicitar V. Exas a autorização para a aplicação de um breve questionário e entrevistas em pequenos grupos, importantes para a realização da minha tese.

Este estudo tem como objectivo avaliar o *bullying* entre pares, nomeadamente no que se refere às questões associadas à obesidade/peso e ao género. Pretendo focalizar a amostra do meu estudo em crianças e adolescentes dos 10 aos 15 anos. Solicito, assim, a participação de crianças de ambos os sexos, do 5º ao 9º ano, preferencialmente uma turma de cada ano para aplicação do questionário e 2 pequenos grupos (de 5-8 raparigas cada, de turmas diversas) para as entrevistas. Os dados obtidos preservarão a confidencialidade individual de cada participante, bem como das escolas envolvidas, e serão analisados de forma colectiva e somente para fins relativos à minha tese de Mestrado.

Agradeço a colaboração na realização deste estudo, encontrando-me totalmente disponível para fornecer mais informações e para facultar o questionário e guião da entrevista.

Atentamente,

*Sandra Paiva Rodrigues*

**Anexo B: Pedido de autorização para os encarregados de educação.**



Autorizo o/a \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ a participar num estudo sobre bullying entre pares no âmbito da tese de Mestrado de Psicologia Social e das Organizações, do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). O objectivo é apenas o preenchimento de um breve questionário e talvez futuramente uma entrevista em pequenos grupos que será gravada. Os dados obtidos preservarão a confidencialidade individual de cada participante, bem como das escolas envolvidas, e serão analisados de forma colectiva e somente para fins relativos à tese de Mestrado.

Encarregado/a de Educação

---

## Anexo C: Questionário de auto-relato



No âmbito da tese do Mestrado de Psicologia Social e das Organizações, do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) estou a realizar um estudo sobre bullying entre pares na escola.

As questões apresentadas seguidamente estão relacionadas com este fenómeno, o bullying ou provocação.

Para entenderes melhor esta definição,

**Um aluno está a ser vítima de bullying ou provocação** quando está repetidamente e ao longo do tempo a ser alvo de acções negativas, por exemplo quando os colegas dizem ou fazem coisas desagradáveis.

**Não é bullying ou provocação** quando os colegas estão a gozar de maneira amigável ou quando dois colegas que têm a mesma força discutem.

Peço a tua colaboração para responderes a todas as questões. Estimo que o questionário terá aproximadamente a duração de 10 minutos. As tuas respostas não serão partilhadas com ninguém e serão anónimas. Não existem respostas certas ou erradas.

Agradeço a tua disponibilidade



**Perguntas demográficas:**

Sexo: F  M

Idade: \_\_\_\_\_

Ano escolar: \_\_\_\_\_

Repetiste algum ano: Sim  Não  Se sim, quantas vezes: \_\_\_\_\_

**Em todas as questões assinala a resposta (só pode ser uma) com um X no quadrado à frente**

**1. Nos últimos 2 meses, quantas vezes foste vítima/provocado na tua escola?**

- a) Não fui provocado nos últimos 2 meses
- b) Apenas uma a duas vezes
- c) 2 ou 3 vezes por mês
- d) Cerca de uma vez por semana
- e) Várias vezes por semana

**2. Nos últimos 2 meses, quantas vezes participaste em bullying/provocações a outro(s) aluno(s) na tua escola?**

- a) Não provoquei outro(s) aluno(s) nos últimos dois meses
- b) Apenas uma ou duas vezes
- c) 2 ou 3 vezes por mês
- d) Cerca de uma vez por semana
- e) Várias vezes por semana

**3. Alguns jovens provocam outros repetidamente por estes serem mais pesados ou obesos, chamando-lhes nomes como gordo/gorda, banhas, etc...**

Na última semana, quantas vezes as seguintes pessoas te chamaram estes nomes (assinala com um X a tua resposta):

	Muito frequentemente	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Um/a amigo/a	<input type="checkbox"/>				
Alguém que não conhecias	<input type="checkbox"/>				
Alguém de quem não gostas	<input type="checkbox"/>				
Alguém que era obeso/a	<input type="checkbox"/>				
Alguém que não era obeso/a	<input type="checkbox"/>				

4. Na última semana, quantas vezes chamaste estes nomes a (assinala com um X a tua resposta):

	Muito frequentemente	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
Um/a amigo/a	<input type="checkbox"/>				
Alguém que não conhecias	<input type="checkbox"/>				
Alguém de quem não gostas	<input type="checkbox"/>				
Alguém que era obeso/a	<input type="checkbox"/>				
Alguém que não era obeso/a	<input type="checkbox"/>				

5. Se foste alvo de bullying em que alguém te provocou devido ao teu peso, com que frequência foste sujeito/a a (assinala com um X a tua resposta):

	Muito frequentemente	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
<b>Agressão verbal</b> (e.g. insultos, piadas)	<input type="checkbox"/>				
<b>Olhares intimidantes</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Agressão física</b> (e.g. bater, pontapear)	<input type="checkbox"/>				
<b>Ser ignorado/a ou isolado/a</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Estragar ou roubar coisas</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Mexericos ou boatos</b> (e.g. dizerem coisas nas costas sobre a tua aparência ou peso)	<input type="checkbox"/>				
<b>Ameaça grave à tua integridade</b> (por exemplo, com uma arma)	<input type="checkbox"/>				
<b>Agressão sexual</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Por mensagens no telemóvel</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Por posts na internet ou blogs</b>	<input type="checkbox"/>				
<b>Por mensagens em Messenger/chats ou email</b>	<input type="checkbox"/>				

**6. Quem é que te intimidou, insultou ou agrediu devido à tua aparência ou peso?**

- a) raparigas do teu ano
- b) rapazes do teu ano
- c) raparigas mais velhas da tua escola
- d) rapazes mais velhos da tua escola
- e) raparigas mais novas da tua escola
- f) rapazes mais novos da tua escola
- g) outras pessoas

Obrigada pela tua colaboração!



## Anexo D: Guião de entrevista para os grupos de discussão focalizada.



## Guião de Entrevista

As questões que vamos discutir aqui em grupo estão relacionadas com o bullying ou provocação.

Para entenderem melhor esta definição,

Um aluno está a ser vítima de bullying ou provocação quando está repetidamente e ao longo do tempo a ser alvo de acções negativas, por exemplo quando os colegas dizem ou fazem coisas desagradáveis.

Não é bullying ou provocação quando os colegas estão a gozar de maneira amigável ou quando dois colegas que têm a mesma força discutem.

A tua participação é voluntária e as tuas respostas não serão partilhadas com ninguém e serão anónimas. A partilha das tuas experiências é muito importante.

Podes sentir-te à vontade a responder a todas as questões, não existem respostas certas ou erradas.

Agradeço a tua disponibilidade



## Os rapazes e as raparigas têm experiências diferentes na adolescência...

1. De que modo é diferente a importância que os rapazes e as raparigas dão à aparência e ao peso? Porque acham que é assim?
2. Que consequências pensam que isso tem para as raparigas e para os rapazes?
3. Às vezes acontece que alguns jovens são gozados devido ao seu peso. Alguém deste grupo já foi provocada ou insultada relativamente à sua aparência e/ou peso? Como foi essa experiência?
4. Quais são/foram para vocês os impactos de terem sido alvo destas provocações? Ao nível das amizades, ou dos namoros, ou da escola, ou até fora da escola (casa)? (o que é que sentiram, pensaram, fizeram)
5. (Se sim) contaram a alguém? Quem? E como ajudaram (ou não)?
6. Acham que as provocações sobre o peso e a aparência são diferentes para as raparigas e para os rapazes? De que modo?
7. O que é que acham que as escolas podem fazer para que exista menos provocações ou agressões a jovens que possam ser mais obesos?

**Anexo E: Tabela de categorias e subcategorias resultante da análise de conteúdo.**

<i>Categorias</i>				<i>Exemplo</i>
1.Aparência física/peso	1.1.Importância atribuída	1.1.1.Ao género feminino		“Acho que as raparigas preocupam-se mais” (sujeito do sexo feminino)
		1.1.2.Ao género masculino		“Mais para as raparigas.Importam-se mais com isso. É importante para os dois, mas é mais para as raparigas também”(sujeito do sexo masculino) “É igual, acho que é mais ou menos...acho que há alguns rapazes que também se preocupam com a sua parência, há outros que não”(sujeito F) “Sim, mas os rapazes também. Os rapazes às vezes também” (sujeito M)
	1.2.Razões atribuídas à importância pela aparência física		“Mas as raparigas dão mais importância, gostam de estar todas arranjadas...e de ser bonitas”	
2.Provocação de pares ( <i>bullying</i> )	2.1.Percepção do significado		“sim!é bater nos outros!” (sujeito sexo masculino) “sim...é bater...chamar nomes” (sujeito sexo feminino)	
	2.2.Tipo de comportamentos de provocação	2.2.1.Forma como o género feminino provoca		“Ou não ligam ou mandam indirectas. Não vão directas ao assunto” (sujeito F) “Falam mal sempre atrás das costas, nunca falam à frente” (sujeito M)
		2.2.2.Forma como o género maculino provoca		“Os rapazes são mais directos” (sujeito F) “Chamamos nomes e depois passado um minuto andamos à porrada” (sujeito M)
2.3.Provocação relativa à aparência/peso	2.3.1.Tipo de provocação	2.3.1.2Provocação Verbal		“Eu tinha um colega meu que era gordinho, mas a beleza interior dele era bom.Os outros não!Os outros estvam sempre a gozar!”
3.Vitimação de pares	3.1.Vitimação em relação à aparência física/peso	3.1.1. Consequências	3.1.1.Nível psicológico	“Fica assim muito encostado a um canto, fica muito triste”
			3.1.2.Nível relacional	“Não!mas há pessoas mais fortes que têm namorados e há mais magros que não têm”